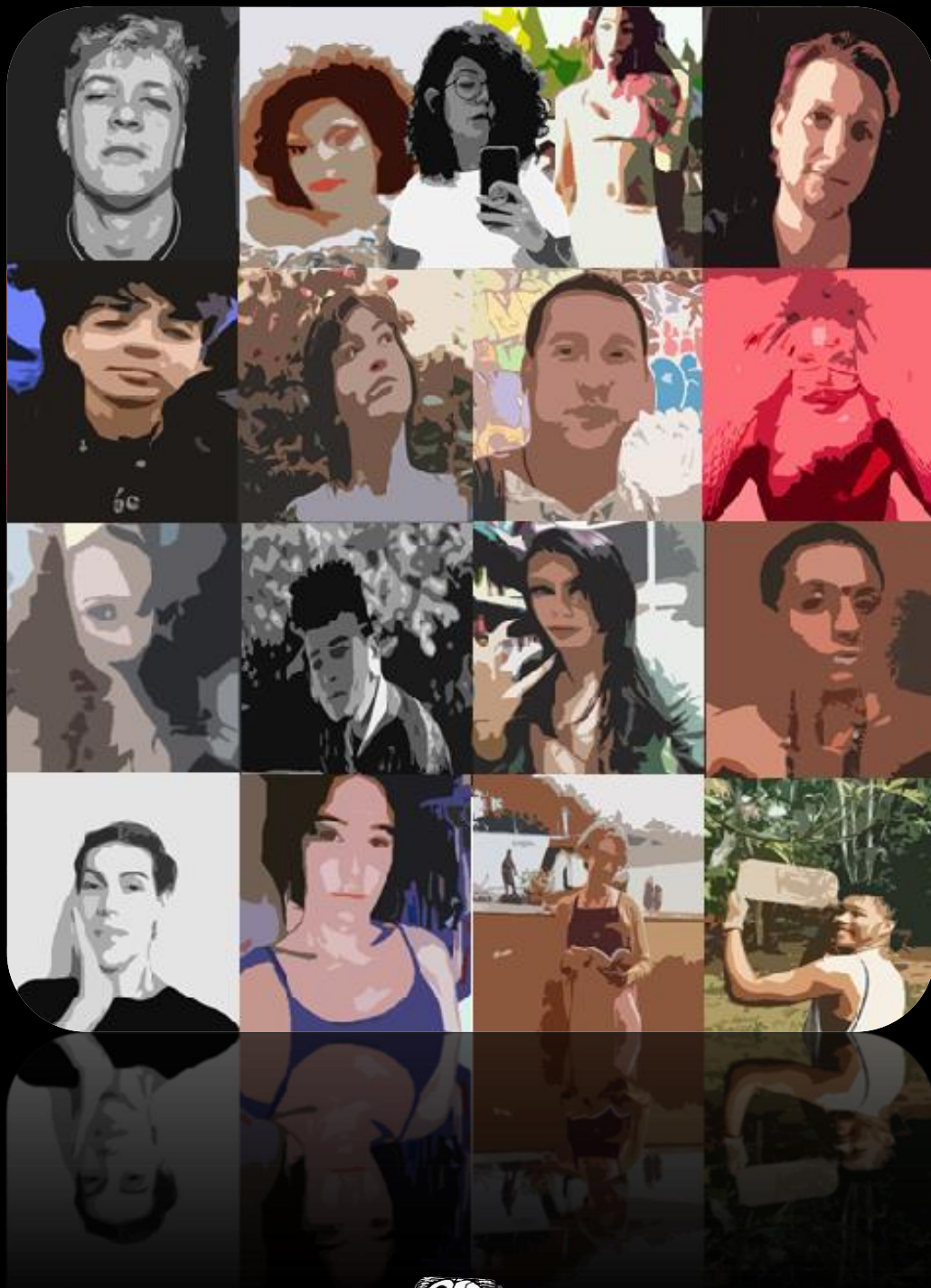


ARTES E TRANSEXUALIDADES



KULTRUN

**BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES – CILA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

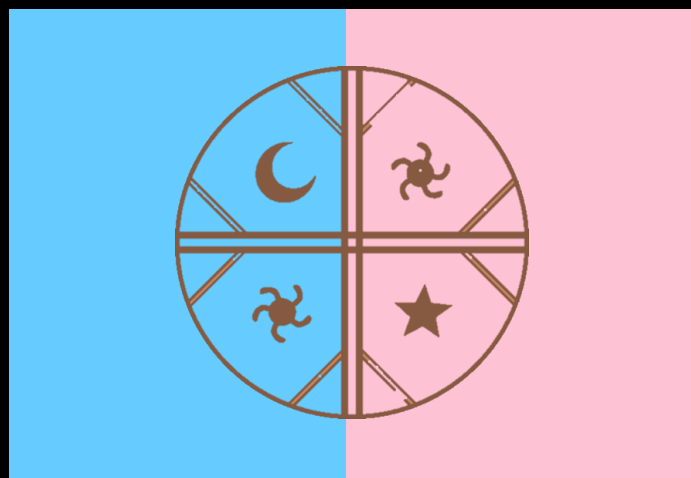
VOL. 2, Nº 3, JUNHO DE 2020

Alessandra Mawu Oliveira | organização e edição

Miguel Ahumada Cristi | artes e edição

Eduardo Fava Rubio | edição

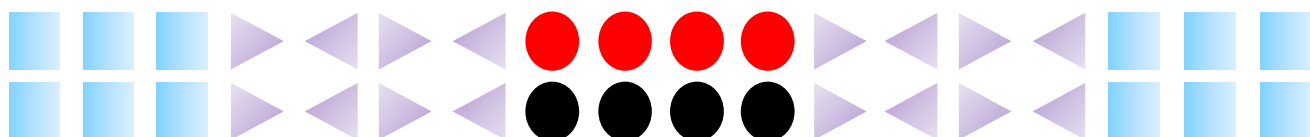
Patrícia Regina Queiroz | edição



ARTES E TRANSEXUALIDADES



www.boletimkultrun.com





KULTRUN

O Boletim do Centro Interdisciplinar de Letras e Artes (CILA) é um instrumento de divulgação de expressões artístico-culturais e informações no âmbito das áreas de conhecimento que integram o Centro. O Boletim se publica nas línguas espanhola e portuguesa e valoriza, igualmente, a presença de outras línguas, sobretudo indígenas.

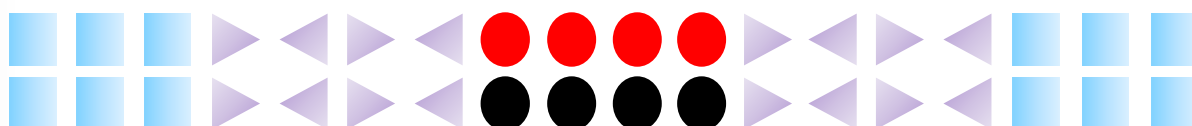
Esta tercera edición de 2020 tiene como foco la temática “Artes y Transexualidades”. Artistas trans de diferentes regiones de Brasil nos brindan la oportunidad de comprender y valorar la transexualidad, u otras identidades no-binarias, a partir de diversas expresiones artísticas: poesía, fotografía, ilustración, arte digital, pintura, performance y música, bien como profundas reflexiones poéticas sobre la vida y el mundo.

Deseándoles placer en la lectura del Boletín,

DIRECCIÓN DE KULTRUN



Miguel Ahumada Cristi
Eduardo Fava Rubio
Alessandra Mawu Oliveira
Patrícia Regina Queiroz





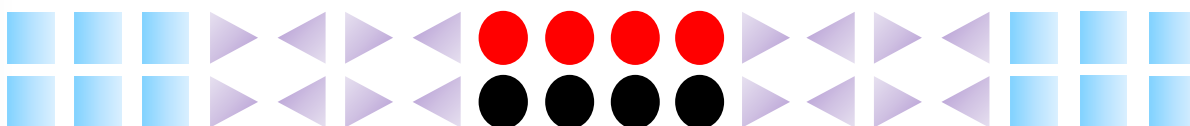
APRESENTAÇÃO

Alessandra Mawu Oliveira.....5

ARTISTAS

Ti Ochôa	7
Florido	9
Zênite Astra	14
Xayenne Prado Keller.....	18
Xan Marçall.....	21
René Batina Rabelo	23
Mateus Morel	24
Ari Correia	25
Lua Lamberti	27
Emanuely Almeida	32
Olivia Maximiliano Dela Cruz	34
Eduardo Oduduwa	35
Eugênio Chaves Nakayama	37
Carlos Antônio Braga De Souza	40
Yago Goya	42
Damiani Pires	51
Rodolpho Corrêa	61

A Direção de KULTRUN agradece, *con alma, corazón y vida*, às/aos artistas que colaboraram nesta edição.





APRESENTAÇÃO

Esta edição do Boletim é uma bandeira com as cores da mais pura esperança de construção de um mundo que possa reconhecer a pluralidade da vida humana. “Artes e transexualidades” é um nome proposital, no plural, como reflexo das identidades sexuais de pessoas que, não conformadas com as leituras sobre a natureza, resolveram transgredir pelas artes. O gênero livre da poesia, fotografia, arte digital, pintura, performance e música –artes presentes nesta edição de Kultrun– formam uma parte expressiva dos nossos corpos que se libertam das imposições binárias da cisnormatividade. O Boletim é o acalanto. É uma singela voz que, dentro da estrutura textual-imagética, podemos utilizar para etnografar o nosso corpo, **pois ser trans é sempre ser artista.**

Neste momento importante para as artes e humanidades e, para enfatizar, as transexualidades, que as vozes que nos consomem na quarentena possam ser jogadas para o mundo digital, transformando linguagens computacionais em partículas vitais de denúncia, de dor e de esperança, mas também da grande e linda possibilidade que é ser trans, em suas diversas facetas.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal contadas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)¹

¹ ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, v. 8, n. 1.



KULTRUN

BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES – CILA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
VOL. 2, Nº 3, JUNHO DE 2020



Esta edição de KULTRUN também é um manifesto pela morte e existência de muitos e muitas de nós. É por Demétrio, homem trans negro brasileiro suicidado por uma sociedade transfóbica, racista e classista. É por Alexa, mulher trans negra porto-riquenha morta a tiros. É em nome de Lorena Borjas, ativista mexicana morta nos Estados Unidos pela cruel desigualdade visibilizada pela COVID-19. É por várias/os outras/os, que vivas/os ou mortas/os, são esquecidas/os por um Estado negligente no âmbito da pluralidade humana.

A transexualidade, neste presente compilado artístico, é o sujeito representativo que fala, escreve e captura desde e sobre ele mesmo. É a notória realidade, que num futuro será presente nas realidades sociais que na reflexão sobre o poder da fala, sensivelmente damos visibilidades àqueles e àquelas que foram silenciados. Esta edição de Kultrun é um convite, desde a arte, para desestruturar os medos que nos abarcam e a angústia que nos acomete. Como disse a artista trans brasileira Rosa Luz: “E se a arte fosse travesti?”.

ALESSANDRA MAWU DEFENDI OLIVEIRA

Junho de 2020

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil



TI OCHÔA

Poesias

Se o capacete é duro, eu sou mais dura ainda.

Agora adulta eu me lembro.
Eu era bem pequenininho
Devia ter uns 7 anos
Cabelo tigelinha
Curioso com as plantas
Na casa da minha mãe.

Agora adulta eu me lembro.
Da parede branca
Dos azulejos marrons
Da casa de madeira Planta-flor
Dentro e fora.

Qual é essa?
A samambaia.
Verde, comprida e viva.

E essa?
A violeta.
Roxa, fofa e aveludada.

E essa?
Essa é a comigo-ninguém-pode.
Nem bixo come.
Nem bixo? Não, nem bixo.
Se comer, Morre.

Agora adulta eu me lembro.
Três dias antes do meu
aniversário Eu fui agredida.
Um homem me chamou de viado
Me acertou com um capacete:
Duro feito pedra.

Olho roxo
Nariz quebrado
Psicológico
Dolorosamente
Abalado.

Amor e carinho
Apoio e compreensão
Dureza e celebração
Larica e recuperação.

Tudo isso eu encontrei
Nas minhas amigas
Minha planta-família
Minhas irmãs-flor.

Agora abalada mas no processo
eu me lembro.
Celebrei meu aniversário
Tomando um drink com o nome
Daquela planta que
nem bixo come.

Se o capacete é duro
Eu sou mais dura ainda.

Explodindo feita fruta

Eu sempre sou:
Travesti.
Intensa.
Sol em touro
Ascendente em aquário
Lua e Vênus em áries.

Tem dias que eu anseio:
Pelo meu, pelo teu
Pele que toca
Tessão sem fim.

Mas ai
3 dias depois da depomês
Eu queria é sentir
Meus peitos inchados
Explodindo feito fruta
Dentro da sua boca.

Mas ai
3 dias depois da depomês
Eu queria é sentir
Meus peitos inchados
Explodindo feito fruta
Dentro da minha boca.



Imagem: thesuiteworld



Ti Ochôa é travesti, escritora e professora celetista do Departamento de Metodologia de Ensino na Universidade Federal de Santa Catarina (MEN - UFSC). Atua nos cursos de Pedagogia e Letras Inglês - Licenciatura. É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades, Transgeneridades e Transexualidades (NeTrans-UFSC). Publica alguns de seus escritos em duas contas do instagram: @ochoati e @travescrita.

FLORIDO

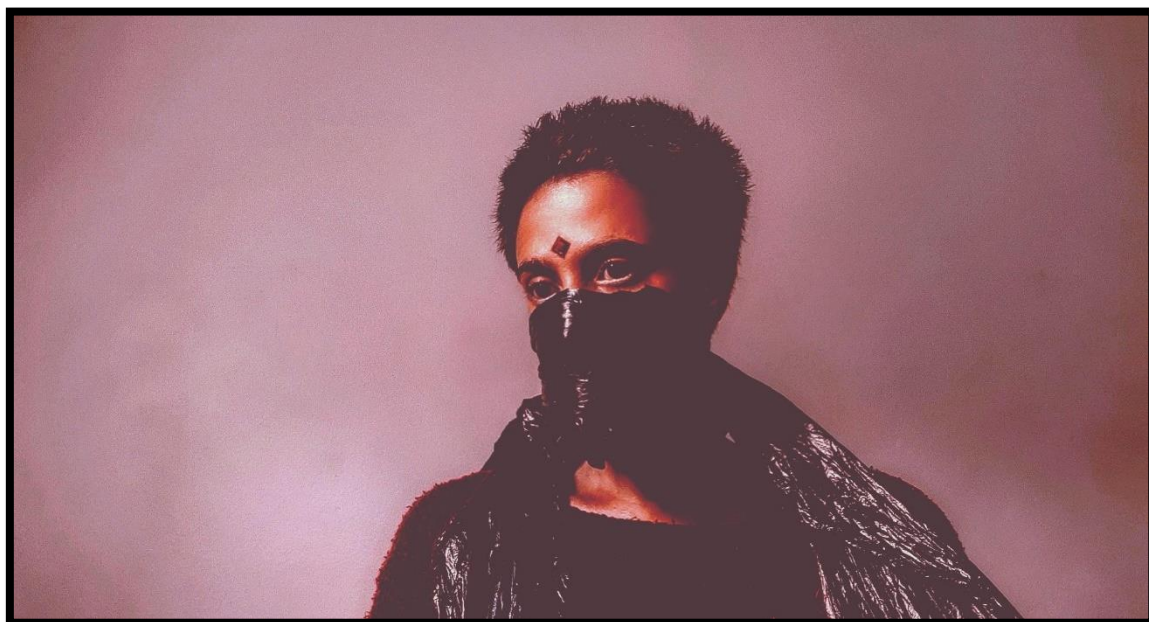
RETRATOS PANDEMIKOZ TRANZ UTÓPIKOZ

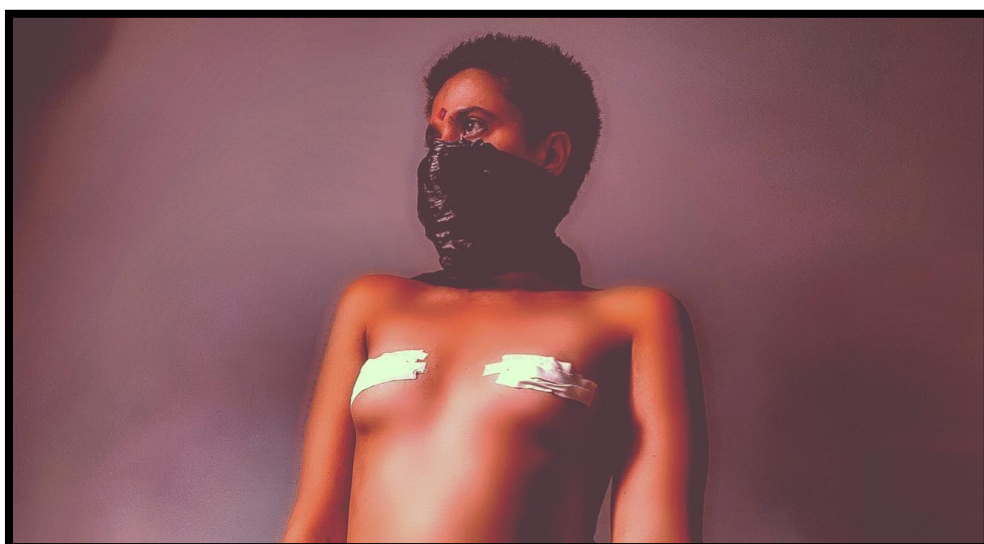
A série de 9 autorretratos, obra intitulada RETRATOS PANDEMIKOZ TRANZ UTÓPIKOZ, parte de inquietações causadas por trans vivências neste período de isolamento, distanciamento físico e por consequência, o tão temido: distanciamento social. Na série o artista performer experimenta a criação de uma narrativa a qual busca acionar questões como identidade: o que modifica com o uso da máscara? Assepsia: o toque que se recria com o uso da luva. Risco: Sem máscara corre-se risco de morte. E por fim a criação de um imaginário tranz utópico que pode beirar o onírico e transcender o risco. A busca por um imaginário entre cenas apocalípticas, as quais o cinema nos recheou desde muito cedo, porém agora, com o corpo trans presente. O direito ao corpo trans criar tais utopias. A presença central do corpo trans criando, gerando imaginário.

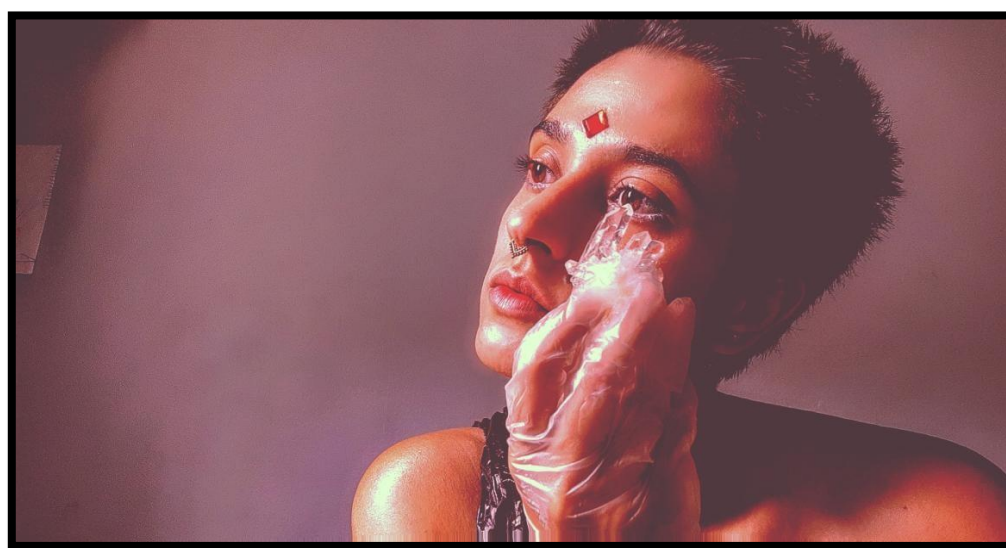
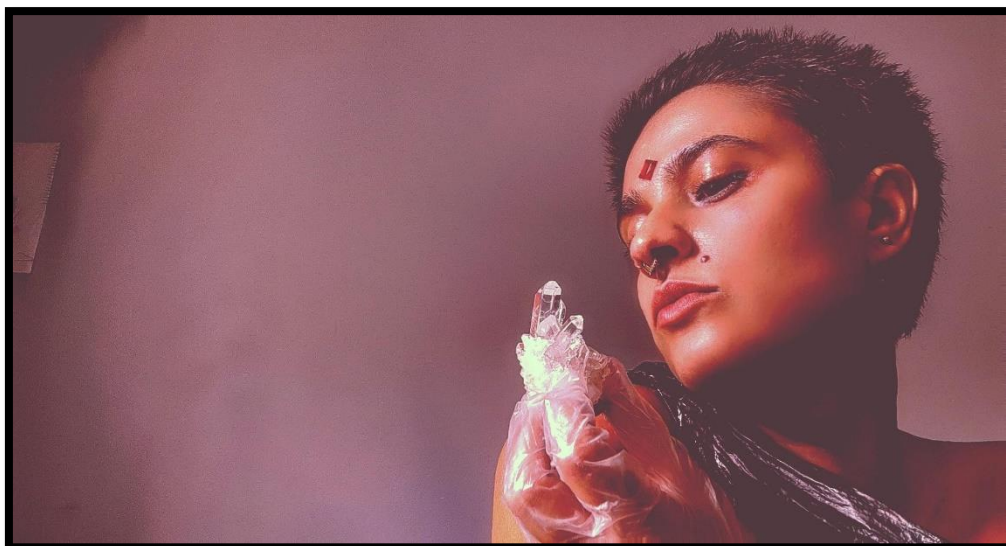
O corpo trans está sempre sujeito a validação da cisgeneridade de sua existência como um ou uma trans verdadeira ou não. Ao adentrar o desafio de se criar este possível imaginário apocalíptico vivido por uma pessoa trans não binária como protagonista da cena inventada, o que poderia ser vivido como desafiador e passível de violência habitando outra realidade que não a de quarentena. Aqui o corpo frágil é exposto e o empoderamento da cena ganha suas potências, já que nesta íntima quarentena você não será julgado de ser mais ou menos trans com base nas suas características físicas pautadas pela cisgeneridade

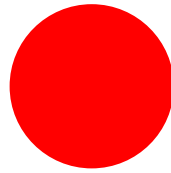


**SÉRIE DE FOTOGRAFIAS TOMADAS E EDITADAS EM CASA
DURANTE A QUARENTENA DE ABRIL**









FLORIDO é artista multimídia, performer e encenador, se graduou em artes visuais como bolsista pela Faculdade Paulista de Artes e em dança contemporânea pelo Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre. Se formou em Direção na SP Escola de teatro. Integrou diversos núcleos de pesquisa em dança e teatro performativo, como o Nutaan da Taanteatro companhia e os núcleos de pesquisa do Grupo XIX de Teatro. Suas pesquisas se deslocam sobre o território do corpo em constante (trans)mutações e com base em sua experiência trans não binária investiga as fricções nas relações: estruturais – filosóficas – culturais em busca de corpos embate/ corpos criantes de resistências. Tranz possibilidades que encontra em sua busca constante de retorno e compreensão de sua ancestralidade em partes revelada em partes negada por uma construção colonial. Reside em São Paulo e sabe que descende de marroquines y ciganes. Integrou a mostra DVERSA no Museu da Diversidade Sexual e a Residência para Artistas Visuais na Funarte, em 2017. Foi premiado na categoria Performance no Salão de Outono da América Latina em 2016. Atualmente gere o recém inaugurado projeto da Núclea de Pesquisa TranZborde – território selo para a produção de pesquisas nas áreas do teatro, dança e performance unindo várias corpos plurais e atua no levantamento do texto Queima, dirigido por Natália Mallo junto ao Corpo Rastreado.

ZÊNITE ASTRA

Poesia e ilustração

como chora a travesti?

não como dança
ou como anda
ou como transa
a travesti

como chora a travesti?
quieta como um sussurro
(vontade de dar um murro)
forte como um segredo
(não precisa ter medo)
alto ela implora
e decora
um jeito de sair de si
não chora, travesti

curando e
cantando
ela é senhora
do bando
não é hora
do pranto
carrega o agora
pra todos os cantos

como chora a travesti?
se levantando

chamamento à mulher por vir

vem
e vem mais segura do que bela
vem certa
que toda sorte de sensível será sua
sina

que seus sinos
toquem com o timbre torto da sua
própria voz

vem veloz
e voa e vibra e vira todos os lençóis

e lenta libera e limpa
as lágrimas que choramos por nós
e livre e leve
leva minha língua a iluminar os faróis

me traz eu
e tira e trava e trinca
o que se perdeu
e por perdão
parte e reparte a parte que agora parte
pelo portão
que a cura futura é aventura e
imaginação



Imagem: pixabay

fênix

espelho, espelho meu
como reverter
aquilo que você me deu?

vou renascer
desse reflexo que me encara
essa cara que é minha sem ser

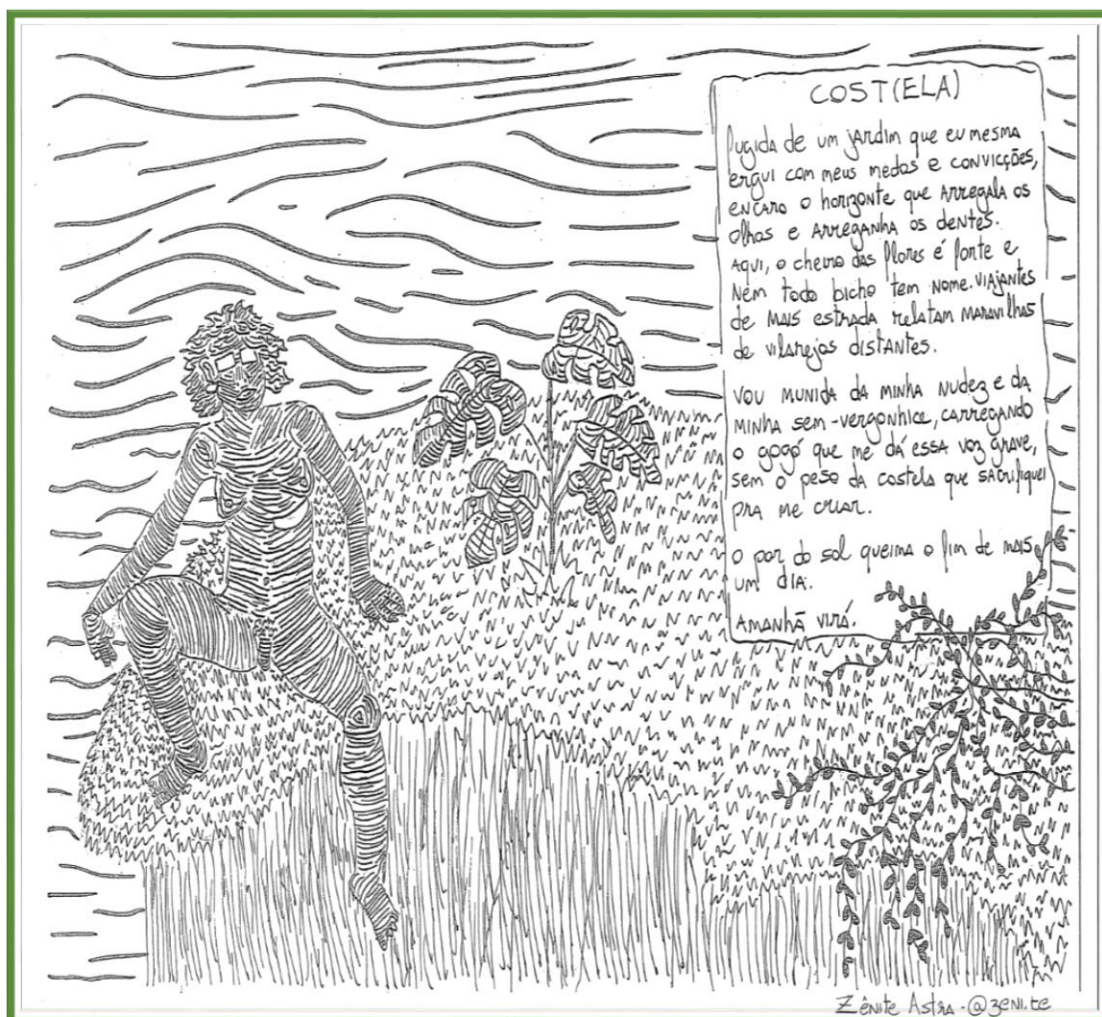
tiro a navalha
debaixo da língua
tiro o xuxu
de baixo pra cima

porque foi assim que deus não fez

pego pinceis
e desenho um reflexo
que eu prefiro
me inspiro e tiro
o sexo que me deram
fizeram do meu corpo
um roteiro pré-moldado
o caminho é torto
eu dou conta do recado

eu mesma sou meu talismã
é assim que eu me faço
e toda manhã
eu renasço

Costela



coisas que são entre

estações de trens antes de você decidir
para que lado ir
vagões de metrô em quanto você costura
a cidade no subterrâneo
intervalos comerciais
ciando, índigo, turquesa
crepúsculos e amanheceres
manhãs e tardes nubladas
quando não se sente o meio dia
passar
casulos de borboleta
pássaros
que não voam
peixes pulmonados ornitorrincos
cimento secando na calçadas água gelando na forminha
massa de pão crescendo na mesa
esquecer uma palavra na sua própria língua
cochichos segredos
o intervalo
entre
o flerte e o beijo
outros feitiços
de meias-palavras de meio-silêncio
entre/
/gar-se
àquilo que não é facilmente descrito
eu
você
nossa cumplicidade

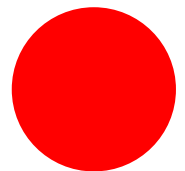
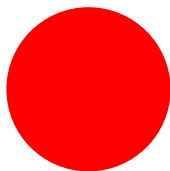


Imagem: Okan Caliskan



aniversos

o signo do carneiro
não tem
tempo pra
ter medo e dele me revisto
e me insisto

no futuro
tendo visto
que o duro do passado
é esse cúmulo de memória

- não descarto
o acúmulo de aprendizado
e de história-

mas parto pra um amanhã
farto de arte
descarto a parte
que foi que fica
que fita que irrita

- agora o hoje irrompe
a hora rompe

o que se perdeu
e quem sai
sábua
e senhora de si sou eu



zênite astra é uma pessoa não-binária, escritora. ela prefere escrever sem letras maiúsculas. é educadora e poeta residente de campinas - sp. escreve porque precisa ir separando palavras pra encontrar o fôlego, como separar mechas pra trançar tranças, como separar folhagens pra caçar caminhos. gosta de encontrar o silêncio que se perde no barulho e cultivar o tempo que demora pra achar o fio da meada. não acredita em letra maiúscula. sabe que a língua é uma caixinha de metáforas. escreve sobre traumas, transições e curas - sobre desfiar caminhos entre nós.

instagram: [@zeni.te](https://www.instagram.com/zeni.te)

medium: medium.com/@zenite.astra

XAYENNE PRADO KELLER

Poesias e ilustrações

Apenas minhas *Bad*

Tá tudo imóvel
Tudo estático
Tudo já coberto com uma fina camada de
poeira

Eu tô soterrada de tal maneira
Que a mobília tem me sufocado.
Os velhos brincos e pulseiras tem me
sufocado.

Eu preciso de fogo
De eletricidade
De um combustível
Pra jogar tudo fora
Pra abrir os porta-trecos
Pra me desfazer de certos gestos
Ir jogando no chão tudo que é meu e eu
não sei

Tudo que é dois números menor que eu
Tudo que for purpurina de outro carnaval
Mágoa feita em dois mil e vendaval
Vendaval sou eu. Claro *eparrei Oya*.
Que jogo tudo *pra* cima na segunda-feira.
Vendaval sou eu. Claro nas quartas-feiras
eparrei Oya

Que não espero nenhuma quarta de
cinzas.

Eu tiro do lugar esses quadros,
Esses atos
Esses fatos
Eu quero jogar tudo fora.
Encher sacos e sacos.
Depois lavar a casa,
Tomar um banho de folhas,
Por um punhado de sal nos cantos
Cessar os prantos
Voltar a voar com a velha vassoura.
Se não tiver espaço *pra* mim
Eu vou ser obrigada a abrir
Eu vou ser obrigada a não me obrigar a
sair assim

Essa casa é minha.

Pera aí. Dos meus pais adotivos.
Eu não posso morrer no marasmo.
Eu não posso naufragar no tempo
Eu não posso engolir as coisas
E depois me envenenar por dentro
Eu vou tirar
A velha decoração
Apesar de ser velha de coração
Eu não esqueci como faz *pra* dar flor
Eu guardo sempre no bolso um botão
Pra abrir em emergências como estas.
Só flor
Só se flor
Eu saio dessa.



(Sem título)

Eu quero me esconder no inferno
Enquanto meu corpo queima purificando a minha alma,
Quero descansar a minha mente
Das atrocidades que esse mundo me fez acreditar,
Me afoguei em minhas lágrimas
E agora eu queimo,
Por acreditar no que é placebo.
Eu me entrego, eu me rendo.



Glória as pequenas notas de cem.
Fique de quatro e se entregue
Implore pelo perdão
Se perdoe e se renda ao pecado
Compre sua redenção,
Se entregue a mim,
Cada um tem um preço, assim como a salvação
Então me salve e seja salvo pela dor.



(Sem título)

Eu me entreguei inteira pela metade de alguém
Acabei me tornando a metade inteira de mim mesma
Sem lógica e vazia
Simplesmente inteira no vazio do resto.

Me perdi nesse abismo entre o meu antigo eu e o meu eu atual

Sem nenhuma semelhança entre nós
Eu me perco mais ainda me procurando em mim mesma
O meu reflexo me assusta e eu continuo me perguntando

Como fui capaz de usar por tanto tempo uma máscara ao ponto de me perder assim?

Aceitei os fatos

Aceitei a dor

Aceitei todas idas e vindas dos quais vieram e ficaram

E dos que vieram e foram pra nunca mais voltar

Aceitei a minha própria perda e é nesse momento em que eu me perco mais ainda

Sentindo tudo o que eu ignoro

Assim eu me machuco mais por simplesmente estar sentindo.

Quem sente demais quer não sentir

Mas, quem sente menos, nada mais sente

Me permiti ser a metade inteira de mim mesma

Eu cansei

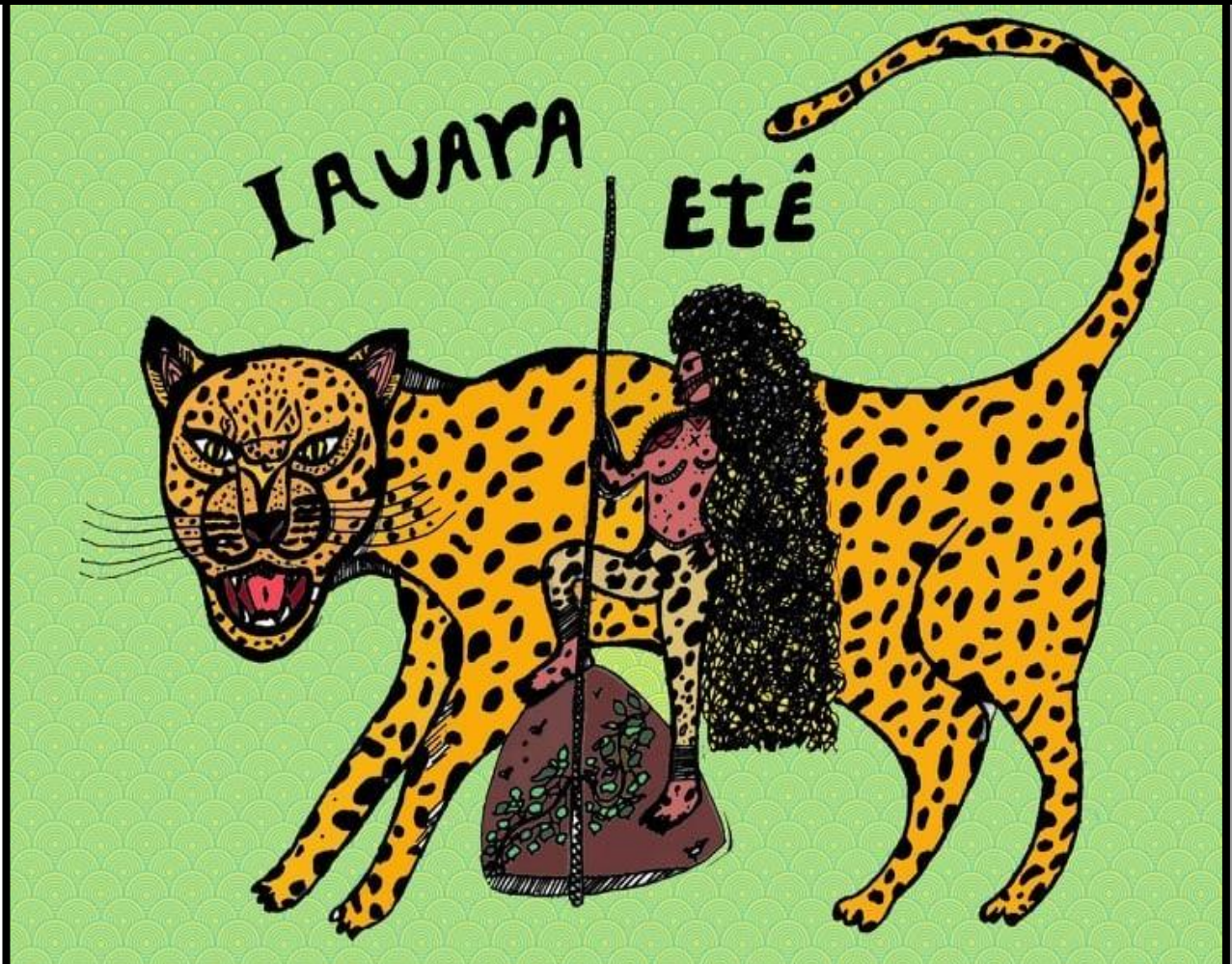


XAYENNE PRADO KELLER,
mais conhecida como
PRADOKELLER, é uma mulher
trans negra, universitária, formada
em Artes Cênicas e Artes Visuais.
Também é cantora, modelo, atriz
e bailarina. No âmbito social e
político, participa ativamente nos
movimentos trans negras do Sul.

*“A arte nasceu comigo desde que
me reconheci como mulher
travesti negra aos 11 anos de
idade. E desde então continuo
com a arte. E acreditando sempre,
sim, que a arte é movida pelo
amor próprio e ao próximo”.*

XAN MARÇALL

Arte digital



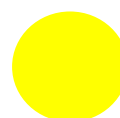
IAUARA ETÊ. NANKIN E ARTE DIGITAL

O trabalho de XAN tem imbricado diversas linguagens artísticas, tendo como motivadores a ancestralidade ameríndia amazônica, travestilidade, a morte e o morrer, terapia, estética e educação nas práticas de cuidado e reinvenção de si e das narrativas de representação social. Para isso tenho utilizado a IMAGEM (texto, sonoridade, fala, visualidade) como princípio produtivo de pensamento, entendendo a elaboração discursiva que IMAGEM e IMAGINÁRIO, podem contribuir por meio do saber sensível formas de re-existências e reinvenção de si e da sociedade. Que Imagens eu escolho que são motivadoras para potencializar a vida, a minha memória e também a coletiva. Assim vem desenvolvendo um trabalho de Arte e também de Educação no ensino formal e informal atravessados por uma metodologia da IMAGEM, enquanto formas de apreensão do mundo, diálogo e criação de novas utopias.



RIO PARÁ. NANKIN E ARTE DIGITAL

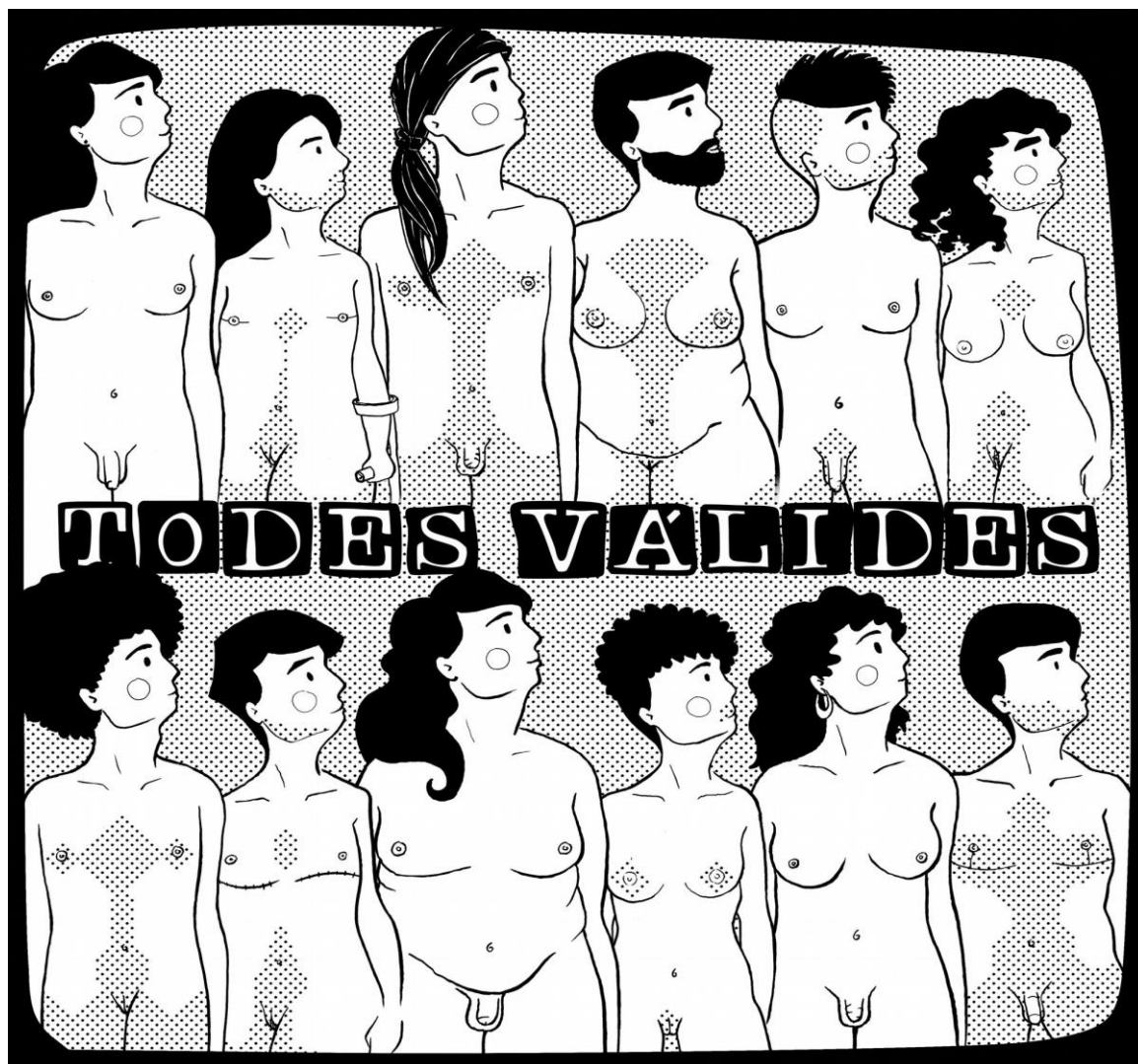
Xan Marçall é kaboka, Amazonida de Belém do Pará, e artista que transita entre Artivista, trabalha com Arte-Educação. Licenciada em Teatro. Com ênfase nas artes da cena, teatro em miniatura- Lambe Lambe, teatro de formas animadas- máscaras, bonecos e objetos. Possui ainda experiências em artesanato, literatura, ilustração, performance e dança. Tem um enfoque nos processos criativos colaborativos. Na educação realiza trabalhos no ensino formal e informal com crianças e adolescentes e adultos. É também cromoterapeuta. O seu trabalho tem imbricado diversas linguagens artísticas, tendo como motivadores a ancestralidade ameríndia amazonida, travestilidade, a morte e o morrer, terapia, estética e educação na práticas de cuidado e reinvenção de si e das narrativas de representação social. Para isso tenho utilizado a IMAGEM (texto, sonoridade, fala, visualidade) como princípio produtivo de pensamento, entendendo a elaboração discursiva que IMAGEM e IMAGINÁRIO , podem contribuir por meio do saber sensível formas de re existências e reinvenção de si e da sociedade. Que Imagens eu escolho que são motivadoras para potencializar a vida, a minha memória.



RENÉ BATINA RABELO

Ilustração

“Trans, Travesti, Transgênero, Transexual, Não-binária”.



“Não use nossa identidade para padronizar nossos corpos, nossa roupa, nosso ser. Qualquer forma de relação com a própria corporalidade é válida”.



René Batina Rabelo. Trans não binária. Arquiteto, artista e aspirante a drag queer. Organiza em Curitiba um coletivo de pessoas não binárias e outro de pessoas poliamorosas. Também está segundo coordenador adjunto da Área Não Binária e da Área Assexual da Aliança Nacional LGBTI+. Pesquisa e produz conteúdos de forma autônoma, não acadêmica. Com foco na relação do gênero com a espacialidade arquitetônica, da pessoa transgressora de gênero com sua corporalidade e das pessoas dissidentes com a amizade e a não-monogamia.

MATEUS MOREL

Poesia

Corpo

Meu corpo imperfeito
Ilógico
Incongruente
Anda fora da linha
Escapa do esperado
Estou cansado de me moldar
Estou cansado de me esconder
Não é meu lugar
Não caibo mais
Mude suas percepções
Não me esforço mais para manter suas ilusões



Espetáculo

Show de fumaças
Jogo de espelhos
Sou ilusório
Indefinido
Ando no meio-termo
Correspondo às expectativas
Mas sempre deixo uma última dúvida
Sou fruto dos olhares duplos



Mateus Moreli, homem trans de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, é estudante de Engenharia de Materiais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

ARI CORREIA

Projeto MESTZA

Estética do Erro | Arte Gambiarra como Estética Latino-Americana

O projeto MESTZA baseia-se na estética do erro. A Arte nova, é a arte que permite-se existir para além da pressão estética da beleza eurocêntrica, padronizada, branca e elitista. Entende-se que a arte deve ser produzida sobre qualquer coisa, é dela que existe a essência e não a essência que cria a arte. Falamos de um lugar de produção independente, negra e periférica. Sem instrumentos de alta potência. Em mãos, temos a criatividade e pulsão cósmica para cumprir o papel de apenas produzir, porque precisamos para nossa existência (CORREIA, Ari, 2000).

O último trabalho de Ari é uma vídeo-poesia. Esta pode ser encontrada em Youtube. Ari possui um canal neste meio digital, onde compartilha o projeto MESTZA, em parceria com o artista visual RYNNARD.



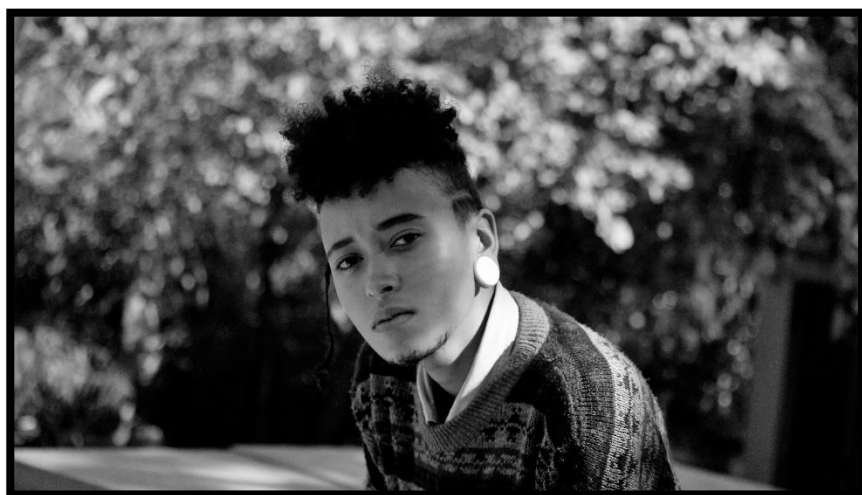
Clique aqui para assistir o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=skcCVmaKabE&t=2s>

Poema-música: ABYA YALA

Século 21 e nossa história
Só começou agora
Ofuscada pela falsa glória
De um padrão escória
Uma nação colonização
Calando, enrolando os donos desse chão
Os verdadeiros donos desse chão
Queremos nascer na Europa
Porque não entendemos nossa própria rota
Não nos falam da nossa história
Por isso ela só começou agora
EM SER FALADA, discutida, relacionada
Quem nos amordaça ouve nossa alvorada
Que renasce entre os céus de ABYA YALA
Resiste por intuição até no silêncio das asas
Demorou mais de mil anos
Para reconhecermos tantos enganos
A mutilação do que somos
A do que representamos

Nos cobriram de europetização
Eurocentrismo, euromissão
Nos transformaram
Em pseudo-erupção
Pseudo-europeu, pseudo-nação
Não negue o beco o rap, o trap,
Ancestralidade que também ferve
Entre as minhas veias
Entre as grades das cadeias
O que te disseram sobre a gente
Os preconceitos da sua cabeça
Não se meta, minha história escrevo
Com a minha própria caneta
E antes que derreta, esqueça,
Sou latino-americana
Sou mestiça,
Sou espessa
E é difícil de me engolir
Tão deformada assim
Trava na garganta, arranha
Estranha estou nas em suas entranhas
E a raiz de tudo,
Não é na Espanha ABYA YALA, a minha casa



Fotografia: RINNARD

Ari Correia é não binário. Estuda Letras, Artes e Mediação Cultural na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Desenvolve trabalhos com música e produção audiovisual desde 2011. Em 2017 iniciou uma pesquisa artística sobre a corporalidade trans e as expressões de gênero. Tendo em seus trabalhos, visuais e auditivos aborda temas como depressão, gênero e decolonialidade. O fazer artístico de Ari baseia-se no conceito da Estética do Erro (Correia, 2017), que pretende valorizar os erros e defeitos do processo artístico. Ari é um artista negro, periférico e transgressor do gênero, que pretende atingir outros como ela.

Instagram: @Mestza1997

LUA LAMBERTI

Trajetórias Transformistas | Discurso e imagens

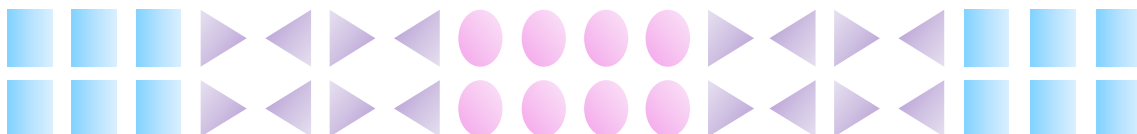
Trajetórias Transformistas

O seguinte trabalho é redigido a partir de um flerte entre a autoficção e a cartografia afetiva. É por meio do exercício de me desdobrar de mim mesma, sujeita travesti, artista, proletária, branca, magra, mestra, dentre outros marcadores sociais que transversalmente me atravessam e me privilegiam ou me tornam vulnerável, em minhas figuras artísticas e, portanto, fundamentalmente ficcionais, Galathea X, minha Drag Queen, e Andromeda X, meu Drag King.

Parto aqui do pressuposto que, como na linguagem do Clown, da palhaçaria, o transformismo é, também, um estado outro de si, um desdobramento de personas e como o Drag King curitibano Rubão diz, eventualmente a persona de emancipa.

Para que isso faça mais sentido, narrarei um pouco da minha experiência, e é aí que a autoficção e a cartografia afetiva se entrelaçam, trepam de maneira contrasexual, mesclando minhas vivências artísticas, ficcionais, com teorias acadêmicas e científicas, as quais, segundo o autor trans hispânico Paul Preciado, são, também, bastante ficcionais em si mesmas. Arrisco dizer que toda filosofia é uma ficção, toda teoria é filosófica e todas as verdades são teóricas, de modo que, no princípio, era a ficção e a verdade é tão una quanto todas as formas de se pensar que existem e já existiram no mundo. Mas isso pode ser só achismo meu.

A experiência com a figura do Clown me permitiu saltar pro universo transformista pelo viés da Drag Queen, a princípio. Muito antes de me entender enquanto travesti, eu já me interessava pelas tecnologias de feminilidade, eu só não sabia os nomes ainda. É clichê mas foi por meio da Drag Queen que eu fluí minha expressão de gênero. Esse primeiro deslocamento me fez entender que feminilidade não era exclusividade cênica, era algo que eu queria performar na vida. Galathea me ensinou que eu nunca fui um menino, que eu não era louca, que eu não estava sozinha e, principalmente, que a linguagem transformista é um universo que cria universos.

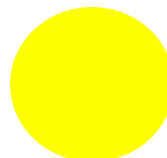




Fotografia: Carolina Steinke Xavier, 2017.



Fotografia: Carolina Steinke Xavier, 2018.



Da Drag Queen, migrei pras masculinidades debochadas dos Drag Kings anos depois, a princípio sem muitas pretensões. A oficina era do pai Rubão, o King dos Kings da cena paranaense, e dele (re)-nasceu Andromeda X. Renasceu mesmo, porque eu já havia experimentado Drag King antes mas, devo admitir, de maneira rasa. Andromeda é uma forma de fazer as pazes com um passado dúbio, ele existe num território nebuloso entre um garoto que eu nunca fui e um garoto que eu nunca tive.



Fotografia: Camila Mocki, 2019.

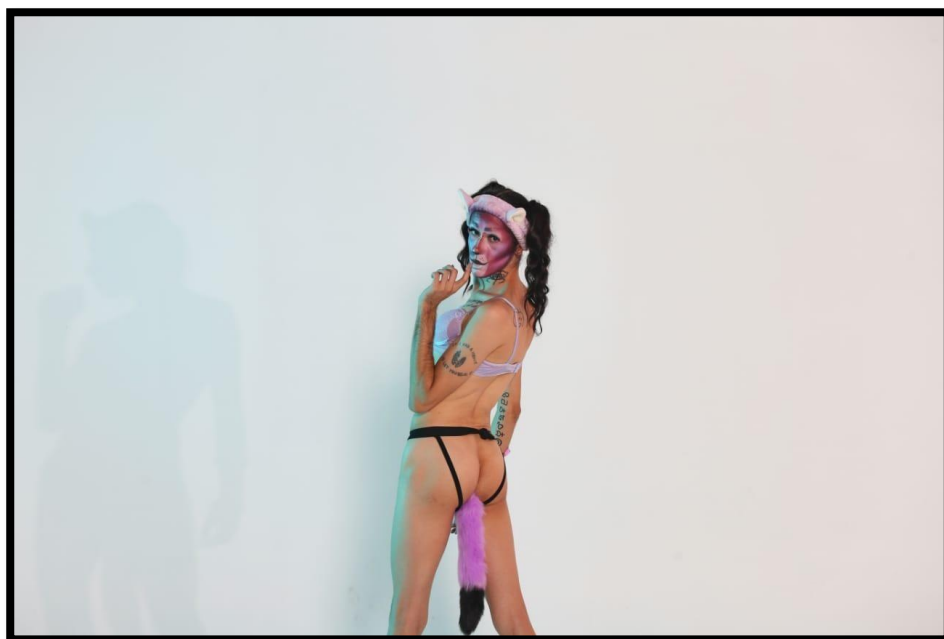
Foi por meio dele que eu percebi que antes de eu ser travesti, eu não era um menino. Não se vira travesti, muito menos se nasce, torna-se. Desculpa, Beauvoir, mas como Virginie Despentes nos ensina, até mulheres cis aprendem a se montar de mulher por meio das tecnologias de gênero. O que, de certa forma, implica em não existir um momento em que eu não fui do gênero feminino, mesmo sem saber usufruir dos aparatos sociais que a hegemonia cis-branca- heteronormativa escolhe como femininas ainda. Eu já descobria, de maneira Eu já descobria, de maneira lúdica e infantil, formas de piratear essa feminilidade que me interessava. O que a gente chama de gênero imposto, o atrelado à genital, não é nada senão uma violência ao desenvolvimento subjetivo das crianças.

A travesti Dódi Leal, em seus escritos sobre iluminação cênica, fala do conceito de desobediência de gênero. O que quer dizer que, mesmo sem a sujeita reivindicar um lugar de transidentidade para si, a normatividade pode capturá-la no escopo da transfobia por simplesmente desobedecer as normas de gênero. Drags (Kings e Queens) são performances artísticas e que ilustram isso bem: quantas pessoas não sabem dizer se Pabllo Vittar é homem ou mulher?! Ela nunca precisou dizer nada sobre sua identidade de gênero, desobedecer a norma foi o suficiente. O mesmo acontece com muitas tantas artistas transformistas. O transfóbico não vai te perguntar sua identidade de gênero antes de te violentar, inclusive para a maioria deles, isso nem importa, em nada difere da sexualidade e por aí vai.

Se a gente entende, então, Drag Queen e Drag King como expressões artísticas que usufruem das tecnologias de gênero para se criarem enquanto ficções, as Drag Queens, Tranimals, Drag Things e performers andróginos criam um repertório imaginativo que podemos pensar de pós gênero, pós humano, pós

-alguma coisa. Artistas como Salvja, Parma Ham, Cici Grace, Anna Varney, Yovska, Hollow Eve, Yvie Oddly e tantas outras referências do universo freak colocam toda a questão binária de homem-mulher em cheque por usufruírem de tecnologias que extrapolam gêneros, que negam a humanidade, que borram ou apagam as fronteiras da lógica biologicista. É distópico, um disparador de possibilidades de criarmos mundos outros a partir do que supera o possível, o que subverte o cotidiano.

Enquanto linguagem transformista, a figura da Drag tem em si a potência de criar um universo ficcional e ao se colocar em relação, exige uma readequação do espaço que ocupa, demanda uma nova forma de troca de afetos, desloca as naturalizações dos binários estáticos de gênero e, assim, permite a gente saltar do cotidiano pro extracotidiano, dos possíveis para os impossíveis.



Fotografia: Isa Angioletto, 2020.



Lua Lamberti de Abreu, 25 anos, licenciada em Artes Cênicas e Mestra em Educação, ambas pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, trabalha atualmente com a linguagem transformista (Drag Queen/King), autoficção e heterotopias; Além dos eventos artísticos, é militante transfeminista, professora, com experiência em performance art, palhaçaria, acrobacias circenses e aéreas entre outros vieses teatrais. Foi a primeira pessoa trans da Universidade Estadual de Maringá à receber a titulação de Mestra, em 2019, mesmo ano em que foi madrinha da Parada LGBTI de sua cidade e também participou do evento internacional da plataforma TED, o TED x Parque do Ingá, com um talk sobre epistemicídio e estatuto de verdade. Matriarca da Haus of X, coletivo transformista, desde 2016.

EMANUELLY VITÓRIA DA SILVA ALMEIDA

Existe um brilho ancestral transviado dentro de nós.

Reflexão arte ancestral de esquerda

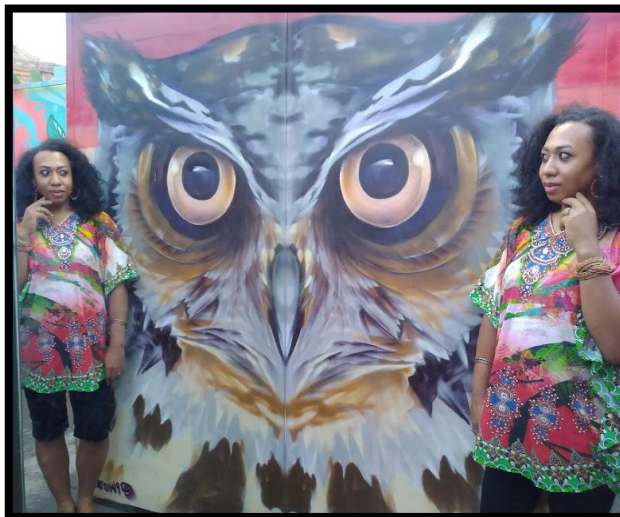
Já se perguntaram porque nos, viaaados, travestis, transexuais, e o público LGBTQI+ adora uma fechação, lacração e muito BRILHO? Nós somos os elos de tudo aquilo que não pode jogar purpurina em tempos passados, nossos corpos, vozes e movimentos performam a transmutação em diferentes áreas dos conhecimentos. Há uma correlação de fatos, fotos, músicas, danças e muito VOGUE¹. Nossas mentes, fetiches e desdobramentos despertam o desejo de obras literárias que perpassam as Ciências Sociais, Psicologia, Antropologia e da própria saúde, onde esta última quis por muito tempo dizer que somos loucas. REALMENTE, ela só não errou, tampouco acertou. Minhas, nossas abordagens são reluzentes de exagero e exuberância, somos a própria subversão de cuidados e perigo, as subjetividades maçantes, nos garante uma estética da existência, enquanto corpo, sexualidade, trabalho, oportunidades e desobediente com o mundo.

O meu corpo território traz marcas de ousadia, os espaços psicodélicos são os alicerces que trazem à tona as imagens desfocadas para cotidiano rotineiro. É nos palcos da vida, das lentes de milhões pixels, quando ouço o som do tambor ecoar desejos submersos em minhas entranhas. Adrenalina comanda, os portais sensoriais se dilatam como comportas que abrem rajadas de cachoeiras de suor ao longo do meu corpo. As arte-vivências não dão conta de todas as identidades que constituem o ser que habita em mim. Desejo não ser apenas uma, quero ser aquilo que OYÁ foi e é, ser e estar em todos os lugares tal qual como o vento que oxigena nossas partes fisiológicas.



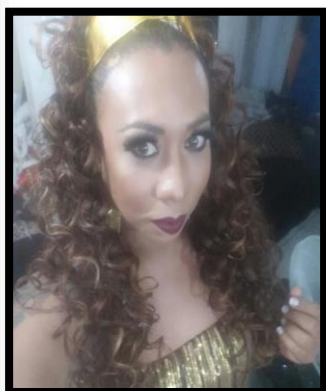
¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cniZbHUAIOA>

Reorganizar os sentidos ancestrais através das performances individuais e coletivas, mostram de fato como nossos desejos, sensações e emoções estão sempre à frente de tudo que durante muito tempo quis nos rotular. O glitter que enfeita nosso rosto e alma é o reflexo de tudo que desejamos regurgitar para fora como forma de criatividade, efervescência e um choque de cores presenteados pelo arco íris de *Oxumare*, senhor das transformações.



A ancestralidade vive em mim, é um altar sagrado. Recorremos a esta como dispositivo de cicatrizar e curar todas as dores e feridas. Sem ela nada seríamos, nossas inspirações, desejos, “chutar o balde”, também é pertencente a ela. A válvula de escape que conduz as muitas e facetadas identidades que nos constroem, nos realimenta a cada amanhecer, mas é no cair da noite e sob as benções da senhora da tarde, *IANSSÃ*, que os pinceis ganham vida própria para realinhar as expressões de tristeza e melancolia. O show da “makes” dará um UP para embalar nossas criaturas adormecidas. Os reflexos do espelho reluzem do mais nostálgico das nossas almas, a alegria volátil é o combustível que contribui para todas as imagens, melodias, simbologias e traços das transviadas ancestrais.

Para finalizar questiono *a tua persona*, existe um ser ancestral transviada dentro de ti? Em mim ele é vivo e latente, a todos os minutos, da mesma forma que o meu coração pulsa e o meus pulmões captam o oxigênio terrestre.



Corpo travesti, mulher preta, mestranda no programa de Pós-graduação em Integração Latino-Americana da UNILA. Possui graduação em Enfermagem pela Faculdade UniNassau (2018). É pós-graduanda em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. Realizou Estágio no Sistema Nacional de Hemovigilância – ANVISA (2015). Possui experiência na área da Educação, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Atuou como Secretária Geral do Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais – GPTRANS. Foi Auxiliar de Secretária na Unidade Escolar Gabriel Ferreira, SEDUC – PI. Atuou como membro do Colegiado ONG/AIDS do Estado do Piauí, sendo sua atuação prioritária em Educação, Prevenção e Promoção da Saúde da população LGBT. Também teve atuação como Coordenadora Estadual do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negros e Negras- FONATRANS, e como Conselheira Municipal LGBT de Teresina. Participou no Conselho Estadual de Saúde do Estado do Piauí. Atualmente é membro do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Foz de Iguaçu.

OLIVIA MAXIMILIANO DELA CRUZ

Poesia

A quem pertence o perdão?

É difícil...
É difícil...
É muito difícil
Quase impossível
Perdoar quem mata sua irmã travesti...
Mas se na raiva insistir
Só machuca você
Sabe o porquê?
Mesmo se ele morrer
Não mata o que há em você
Essa raiva
Que consome
A gente some
E no final somos só a sobra da Raiva...
Eu tô cansada
Eu tô cansada de perder as travestis pra raiva
Pra que depois de todas as batalhas
Uma navalha aposentada
Valha menos que dez debaixo da língua
E não me intriga minhas irmãs escolherem o ódio

O ressentimento é difícil largar
E também falta os cis se importar
Não tem paciência pra quem está a começar
Mas nós não estamos começando
A gente mal começou
Mal começou nossos direitos
Mal começou nosso amor
Mal começou nossa família
Mal começou nossa história
Somos só a escória da literatura
Feita de caricatura
Pra viado fazer de palhaço...
E fico indignada...
Não com raiva nem com ódio
Me indigno com paz
Pois com paz se faz justiça
Com violência só se perde
E eu ainda mantenho minha navalha
Esperançosa pelo dia que ela irá se aposentar.



Meu nome é Olívia Maximiliano dela Cruz, carioca moradora do Rio de Janeiro. Sou uma mulher trans que trabalha como atriz, poeta, drag, escritora e produtora. Comecei minha vida artística em 2018 quando decidi deixar o curso de Matemática na PUC-Rio e seguir meus estudos pessoais em Artes Cênicas. Desde então tenho trabalhado com arte, sendo chamada para eventos –ou produzindo eles eu mesma–, participando de peças, concursos, performances convidadas, palestras. Meu início na carreira artística foi marcado pela arte Drag, que tento carregar comigo nos meus trabalhos e entender como posso explorar essa arte enquanto corpo trans. Hoje pretendo seguir com os estudos de artes cênicas entrando na universidade e desenvolver mais minha pesquisa sobre estudos de poéticas de Arborização Urbana. E estou aqui Transistindo. Existindo, Resistindo, Insistindo em transformar.

EDUARDO ODUDUWÁ

Música

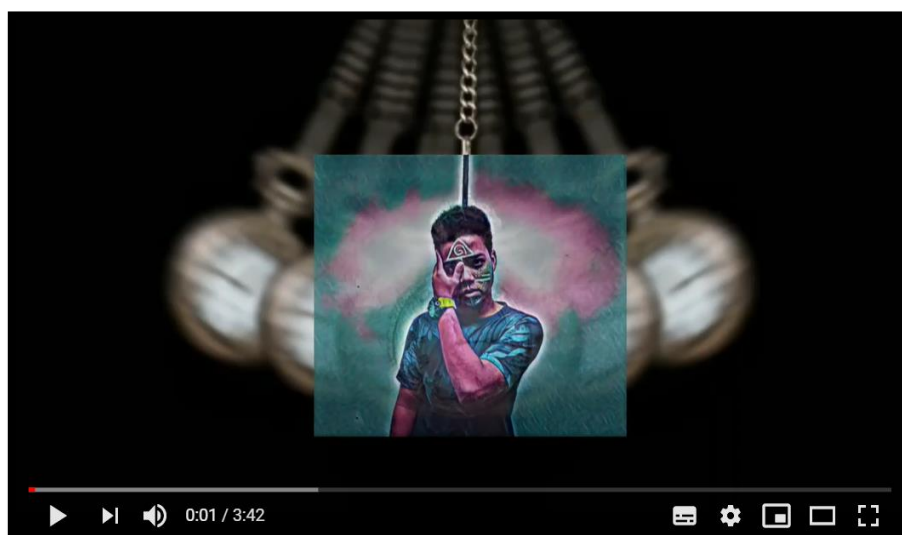
MÚSICA TRANSCASH

*Foda-se eles mano
Foda-se foda o cis-tema mano
O bonde segue trampando
Afirma que a firma segue lucrando 2x*

Cês querem "transcash" né?
Transfere os cash para conta do chefe, mané
Surtando sem necessidade
E os caras da cena batendo em mulher
Séc de pano aqui já acabou
Tamo de ke
pede para não explanar mas sabe como é
Papo de louco
MC falho na cena aqui passa sufoco
Sempre foi ocultação
Vamo de ocupação
Respeita as preta
Não peita a trans preta
Na espreita
Vão ter que respeitar
Passando a visão
O rap abraça a família mas não MC vacilão
Só os de verdade que fica ligado
Os manos tudo camuflado
Passando recado tipo um "telefone sem fio"
Mais um corpo de um trans que sumiu
Povo e pátria gentil
Filha da puta a pátria que pariu
Seu olho viu mas a boca fez "Piu"
Mais uma vez ninguém viu
Viws do transporn subiu

Criança preta na escola chorou
Cadê o amor?
Meu ódio subiu
O falo subiu
O ego subiu
As putas subiu
O sangue caiu
Mascarado caiu
De ralo desceu
White tu se fudeu
White tu se fudeu
Passo a visão e os manos se prepara
Os truta dispara
Navalha não perdoa falha
Nordeste nós tamo trampando
Voando em alturas sem parar
O brabo na casa Oduwa
Situação cara
Depois da aula nós enche a cara
Porque a minha firma está cada
A firma tá cara
Bitch bota a cara
Minha gang aumentando
Quanto mais cê difamar
Minha conta vai engordando...

*Foda-se eles mano
Foda-se foda o cis-tema mano
O bonde segue trampando
Afirma que a firma segue lucrando 2x*



Disponível em: <https://youtu.be/ztKqa9GA10Q>

MÚSICA AMARRAS

*Eu já sei porque
Sua versão da história é a melhor
Eles sempre dizem o que fazer
Tire a venda*

*Você pode ver
Uma pá de gente frustrada
Desamparada
De madrugada
Vários vapor na estrada
De alma perdida sem alvo
Só recebendo as flechas
Peço por eles às pressas
Tentam chamar atenção
Nascidos de encontro
Marcado com a marginalização
Estereotipa não
Vários prantos na noite sem consolo
Brancos com a síndrome de Salvador
Não me servem de consolo
A madrugada oculta
Oculta dos corpos
Oculta a luta
Vários filha da puta
Querendo te fuder
Nego é a dor e a delícia de ser você
Se antecipe isso é poder
Se virar chaveirinho de branco
Não terá permissão para viver*

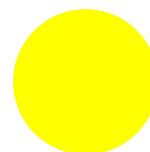
*Se comer a maçã
Esteja preparado
Uns comem e morrem envenenados
Ricos coitados
Meros mortais despreparados
Preparo a ceita
Tenho a receita
Sentem medo que a gente domine a ciência
E eu não tenho medo de morrer pela história
Ela me absolverá
Os meus já passaram por coisa pior
Para eu chegar lá ou ao menos tentar
O imaterial sabe o que faz
Kabiesile Xangô sabe o que trás
O mundo muda pela insatisfação
Cientificação da barbárie
Olha a Barbie ali
Com um discurso de superação
Mundo cão
Não dou osso para o cão se fortalecer
E vir me morder
Tirar o que é meu
Mano cuide do seu
Cuide do seu*

*Eu já sei porque
Sua versão da história é a melhor
Eles sempre dizem o que fazer
Tire a venda
Você pode ver 2x*

Disponível em: <https://youtu.be/VTYwFK3ExKA>



Sou Eduardo Oduduwa, de Salvador, Bahia. Tenho a expressão artística no sangue. A música sempre fez parte do meu cotidiano e a escrita fez florescer a minha vida. Sou um jovem de 19 anos que já compôs diversas músicas e poesias. Em 2019 conclui o ensino médio e fui aluno do Instituto Cultural Steve Biko. Atualmente sou estudante de Pedagogia pela UNEB. Sou um homem trans que luta por seus direitos e dos seus iguais contra a transfobia, racismo e opressão. Sou a favor da luta contra o machismo, apoiando todos os âmbitos da igualdade social e de gênero. Estou há mais de um ano e 5 meses em terapia hormonal.



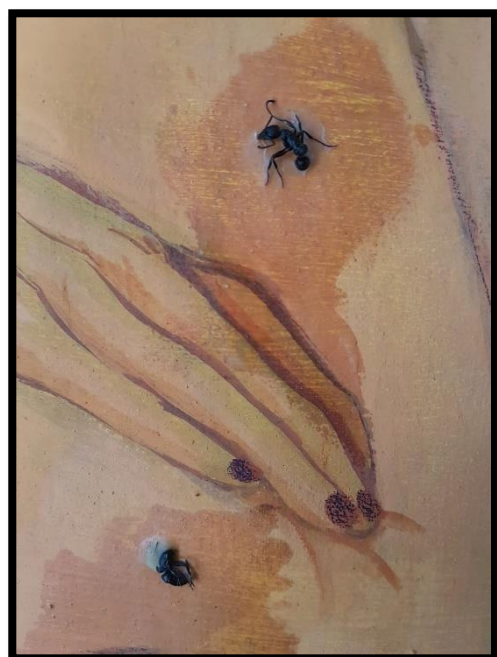
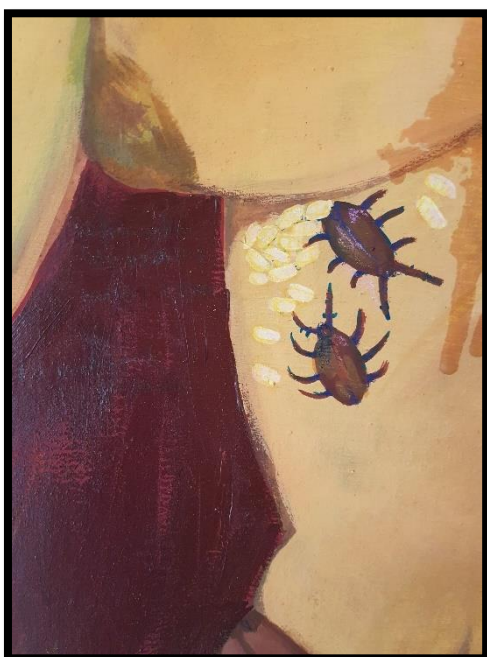
EUGÊNIO CHAVES NAKAYAMA

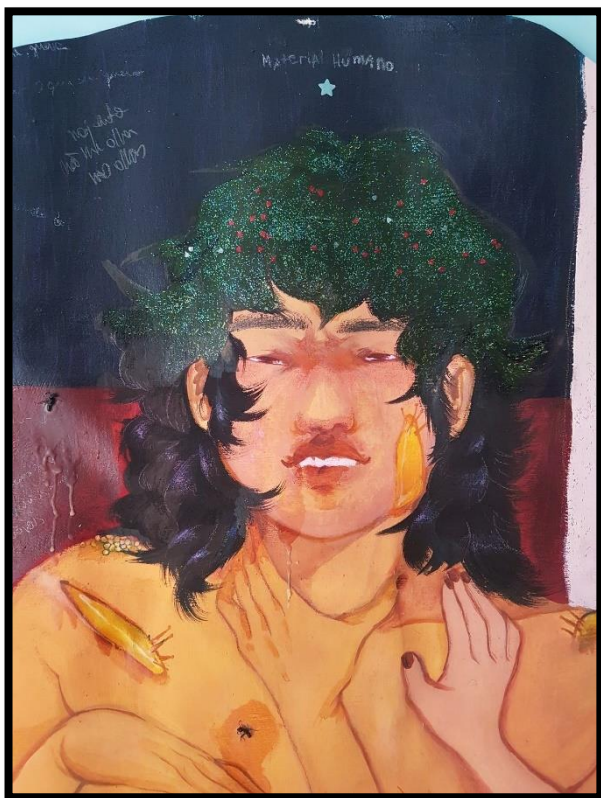
Pintura, poesia e performance

MATERIAL HUMANO



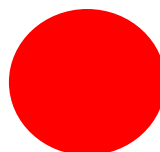
Eugênio Chaves. Material Humano (2019)
Guache, tinta acrílica, encáustica, lápis, glitter e adesivos sobre tela gessada 84,5 cm (diâmetro)





MATERIAL HUMANO

É uma pintura por meio da qual penso questões muito ambíguas dentro de mim, que acredito que são também inerentes a uma experiência não cisgênera. A figura central da pintura tem o meu tamanho, e por isso a instalação deve ser precisa, para que seus olhos fiquem na altura dos meus, para que seja visto assim como eu sou. Há inscrições em quase toda a extensão da tela, que trazem textos pessoais, falando de agressões e de amor. Penso em uma situação em que se vê e se é visto como algo repugnante, mas em que ainda assim é possível estar em uma relação de amor consigo mesmo. A encáustica, os insetos, tudo é grotesco, mas coberto com glitter. Sexual e ensaiado, mas é o espelho de uma realidade, através do qual olho e me deixo ser visto.



FETICHE

Foi uma edição de revista, paródia de uma publicação pornográfica, que tem como tema principal o fetiche por transexuais. O volume de 20 páginas contém textos, propagandas e imagens, tiradas da perspectiva de um voyeur que espia através de um buraco de fechadura. Ela traz a objetificação do corpo trans de maneira agressiva, seja pelos textos ácidos e gráficos, ou pelas imagens violentas e até um pouco explícitas. A questão que vem à tona então é justamente a dualidade que vivem pessoas trans (e mulheres, e não brancos...) que são escondidas pelas famílias, que tem seu estilo de vida e vestimenta monitorados, que são empurradas para a marginalidade, de quem não se fala, mas ao mesmo tempo que são objeto de desejo, de fantasia. Mas que fantasia é essa se somos também feitos de carne e osso?

CARNE VIVA

O seguinte texto constitui uma poesia, mas também é parte de um trabalho de performance. A performance, podendo ocorrer em qualquer local, constitui-se no artista, sem camisa e usando roupas simples (calça preta, descalço), recitando o texto abaixo em meio a um público que não necessariamente tem conhecimento do acontecimento da performance. Enquanto recita o texto, o performer circula pelo espaço e procura estabelecer conexões com os observadores, tenta chamar sua atenção com contato visual, mantendo uma dinâmica de conversa, tendo em vista que só o que pode falar é o texto já existente. Assim, o tempo de duração da performance é variado, pois depende da interação ou não do público, se há interações mais agressivas ou amigáveis, podendo durar até algumas horas. Não possuo registros de quando foi executada, em 2019, mas o texto pode ser apresentado por si próprio, pois o enxergo não como complemento da performance, mas como um trabalho de poesia em si.

“Retiro minha pele. Camadas de tecido que se enrolam sobre si, dobra sobre dobra, curva sobre curva. Cada textura, cada marca, mancha, pinta, cicatriz, dispo-me delas assim como de minha humanidade, as penduro em um cabide e guardo no armário.

Minhas entranhas, recolho uma a uma, coloco em pequenos potinhos para consumo posterior. Esvazio-me de minha carne, fico leve.

Eu não sei mais ser, as coisas se misturam.

Não quero mais o que queria, só quero o que eu quero. O que eu quero? Nem sei.

Não me emociono mais, mas ainda assim choro. Insensível, mas tudo ainda dói. Trans. Transito, transtorno, transo, transformo, transmorfo.

Transmorfismo mental, espiritual e emocional, mas não posso transformar o material.

Material humano, carne viva. Carne e osso. Mais carne é o que eu quero. Toda a carne.

Outra carne, qualquer outra.

O osso eu não quero. Quebra, torce, parte... e eu quebro.

Queria isso. Desossação da carne, carnificação da mente, mentificação do corpo. Não vale mais à pena, lutar pela mente sobre a carne.

No fim sobra só isso mesmo, a carne e os ossos, e a mente toda quebrada”

EUGÊNIO CHAVES NAKAYAMA. Nascido em São Paulo, 1998 (22 anos). Homem trans, queerMinha pesquisa artística gira em torno do estudo e entendimento de experiências não normativas. Me vejo como trans e não branco em um espaço de escassez. Tenho interesse não apenas em falar das lutas e dificuldades, mas também da parte boa, trazer uma representação que seja verdadeira e não alimente ainda mais a ideia de mártir, daquele que é prisioneiro no próprio corpo, mas que traga as questões de forma real. Não fantasiando nossa realidade para o deleite alheio, mas trazendo um recorte (meu recorte) de uma realidade verdadeira, numa tentativa de normalizar essas representações. Para tanto, penso o que exatamente compõe essa realidade verdadeira? Não trago experiências sem um filtro pessoal, obviamente, e falo da realidade em suas camadas. Falo do que me é familiar, do feminino e do masculino, do que é bruto, doloroso, carinhoso, delicado, gore, de um imaginário queer. Atuo na arte porque preciso, como se precisa de ar, e vejo nela a possibilidade de enxergar o que há de inerentemente queer no cibernético e na cultura.

CARLOS ANTÔNIO BRAGA DE SOUZA

Transexualidade - Magia e Resistência na Arte.

A celebração da diversidade sexual geralmente é marcada por uma marcha que reúne a comunidade LGTI+. Em vários países democráticos esta celebração é caracterizada por contestação e arte.

A contestação denuncia a violência sobre a comunidade LGBTI+ e, desde a Rebelião de Stonewall, tem sido uma tomada de identidade, organizando o ativismo em várias esferas sociais, desde o direito à adoção até o exercício pleno da cidadania. No Brasil, o que alarma a comunidade é o alto índice de homicídios registrados sobre as LGBTI+. Conforme dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 19 horas, uma pessoa LGBTI+ é morta. No ano de 2019, 445 pessoas foram assassinadas no país por serem LBGTI+. A Rede Trans Brasil alerta que a cada 26 horas, aproximadamente, uma pessoa trans é assassinada. Uma das faces mais perversas da lgbtfobia no Brasil evidencia-se na baixa estimativa de vida dessas pessoas que é de apenas 35 anos.

A arte é acionada ao trazer fantasia e resistência a uma vida envolta por um contexto de exclusão social. No caso da transexualidade a arte revela possibilidades de ler o mundo e a nós enquanto humanidade. Visitando a história social da arte é possível vislumbrar quanto à transexualidade é também um fenômeno artístico.

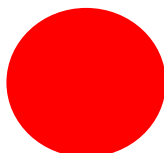
No livro “Moqueca de maridos” (1997), Betty Mindlin apresenta histórias mágicas, narrando mitos tradicionais de várias línguas indígenas, e traduzidos por outros tantos narradores também indígenas, retratando um universo rico de povos milenares. Um destes contos narra a história da mulher do pinguelo grande, evidenciando a presença de seres transexuais no universo mítico tupi-guarani, um dos mais importantes da América do Sul.

Na Grécia antiga, Platão fala do andrógino; em Roma, Ovídio narra o mito do Hermafrodita. As sociedades antigas guardaram reminiscências de um mundo não fechado com a heterormatividade compulsória. E a arte revelará sempre estas lembranças guardadas na mente, clamando por entendimento.

O movimento humanista, por exemplo, expressou essa reminiscência na arte renascentista; Leonardo da Vinci, Michelangelo e Caravaggio estão entre os mestres da pintura que celebraram a ambiguidade sexual, deslocando, quando possível, o gênero da tipificação arbitrária.

As feministas sabem que a história nem sempre foi bem contada. O monoteísmo faz parte desta farsa, sendo uma teia de onde emerge a sociedade patriarcal com seus tentáculos repressivos e fatais aos corpos que resistem. Por isso as esculturas da Grande Mãe foram celebradas por feministas que viram nela a ascendência religiosa fundante do mundo. Todavia, a Grande Mãe paleolítica é também um ser andrógino, pois a magia do nascimento desconhecia a relevância do ato sexual na procriação.

Essas reminiscências permitem localizar a importância artística, atemporal, da transexualidade. O xamanismo, origem das religiões estabelecidas, é a celebração mágica da transição metamórfica dos sexos. O xamã mexicano, por exemplo, vestia-se da pele de uma sacerdotisa, retomando o encantamento do mundo, significando-o. Assim, na atualidade, a transexualidade redistribui a ordem do universo, tomando a arte como ferramenta ritualística e política.





Viviany Belebani, “Crucificação de Jesus”, XIX Parada Gay de São Paulo

Fotografia: STRINGER/BRAZIL / REUTERS

CARLOS ANTÔNIO BRAGA DE SOUZA

Identifico-me como não binário.



Tenho graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas; Mestrado em Comunicação Midiática e Doutorado em Graduado em Educação Artística – Artes Plásticas, é mestre em Comunicação midiática e Doutorado em Ciência da Religião. Sou docente da Universidade Federal do Pará, onde ministro as disciplinas História da arte, ética e Informação e Teoria da informação e da comunicação. Coordeno o AGIR – Grupo de pesquisa e extensão sobre arte, gênero, informação e religião – produzindo pesquisa sobre os temas do acrônimo.

Participa de vários coletivos LGBT+, dentre eles os: LGBTI+ Real Matriz Africana, Área Étnico Racial LGBTI+, Área Não-Binária Aliança, Área Intersexo Aliança, Estudos Intersexo, além dos coletivos que reúnem ativistas e pesquisadorxs intersexo: LABEL e ABRAI.

Desde 2019 tenho participado junto às áreas LGBTI+ de partidos políticos que são ativos na luta étnica contra o racismo e na luta dos coletivos LGBTI+ contra a lgbtfobia, além de atuar contra a intolerância religiosa, denunciando os abusos cometidos contra o povo de terreiro do Candomblé e da Umbanda.

No momento dedico-me à produção de artigos e à realização online do curso de Biblioterapia com Livros de Artes Visuais.

YAGO GOYA

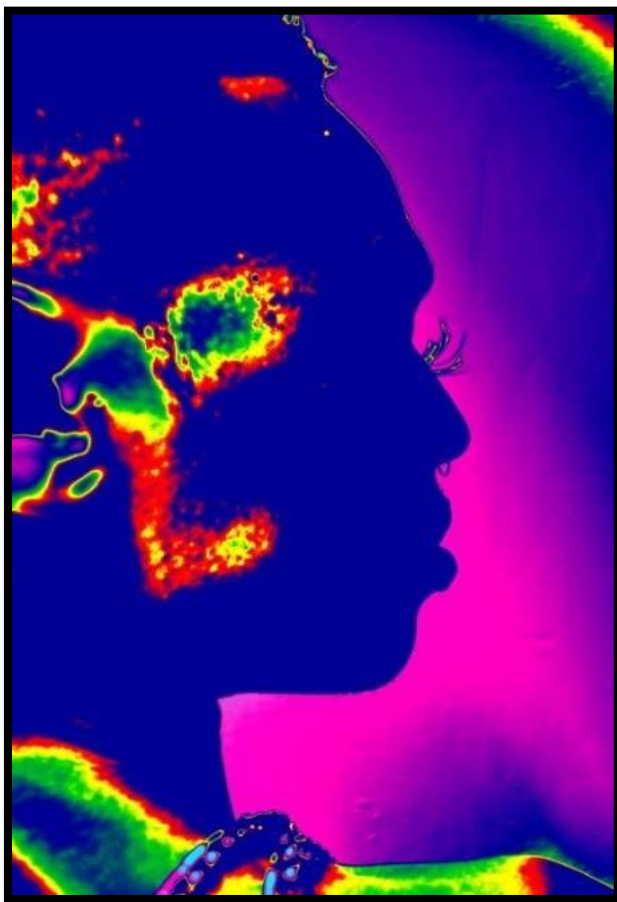
Artes: plásticas, audiovisual, escrita, fotografia e performance.



Ruídos (2016) Foto: Arquivo2

Série fotográfica/videoperformance “Dona Rua dos Ruídos”

(Ganhador de melhor Trilha no “Go Festival”)



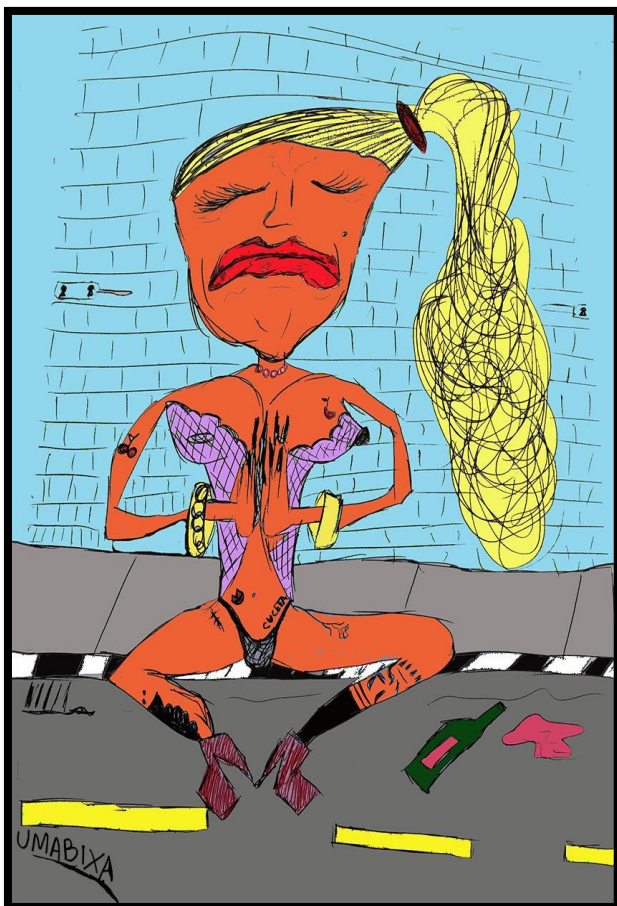
Corpo Queer (2017)

Fotografia sob efeito gráfico Modelo:
Lucas Aleksander

Foto: Yago Goya

Foto complementar ao Projeto de
Minidocumentário

“Corpo Queer” (9 min)
apresentado na USP/SP



Ela Quer Paz (2018)

YAGO GOYA

42x29,7 cm

Ilustração manual e pintura digital.

Fez parte da exposição

“III Mostra Diversa”

Museu da Diversidade Sexual – SP



Trava Colorida (2018)

Yago Goya
29x29

Ilustração Manual e Pintura Digital.

Fez parte da Exposição “III Mostra Diversa” do Museu da Diversidade Sexual – SP



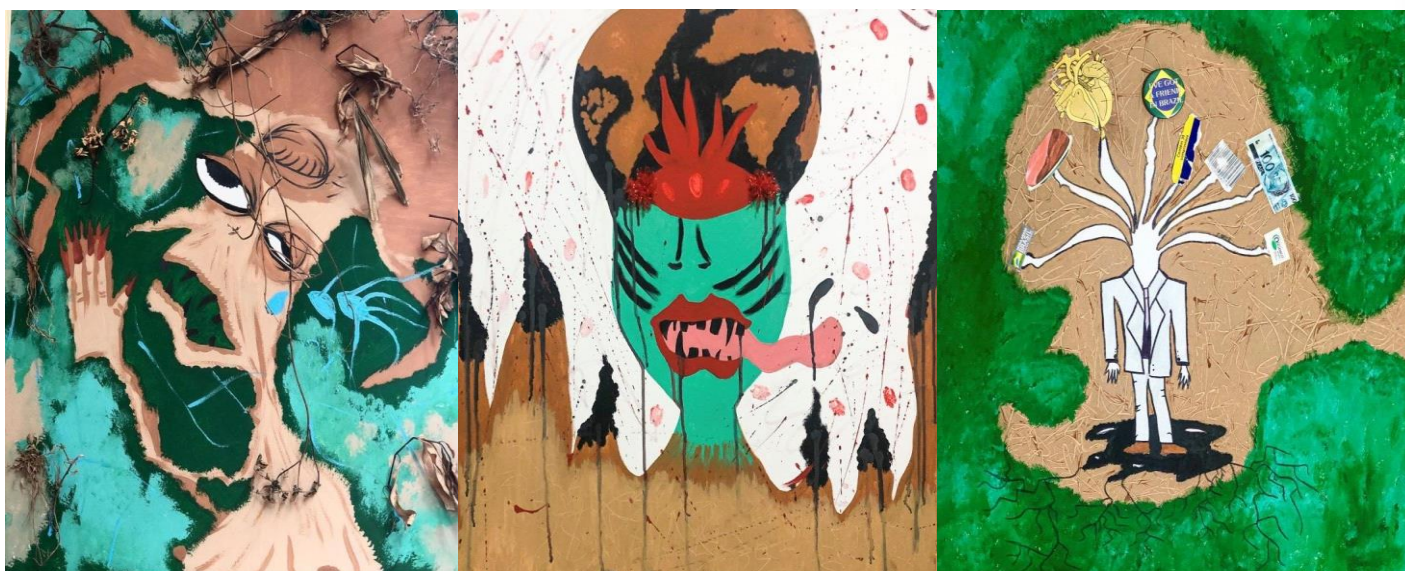
Releitura e adaptação da obra feita por “Incluame”
Formato tátil para deficientes visuais



Possivelmente Sol (2018)

Yago Goya
90x60

Acrílica sobre madeira



Série "Saúde Planetária I, II e III" (2019-2010)

Yago Goya
60x60 cm/cada

Técnica mista: acrílica fosca sob tela com assemblagem.

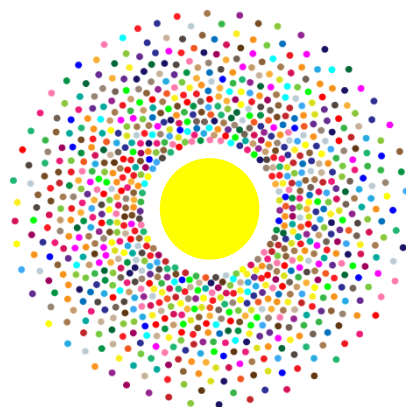


“Espelho em mim” (2020)

Yago Goya

30x20x65 cm

Escultura com reutilização de
materiais recicláveis e orgânicos



“Sem Máscara, pois fumo” (2020)

Yago Goya

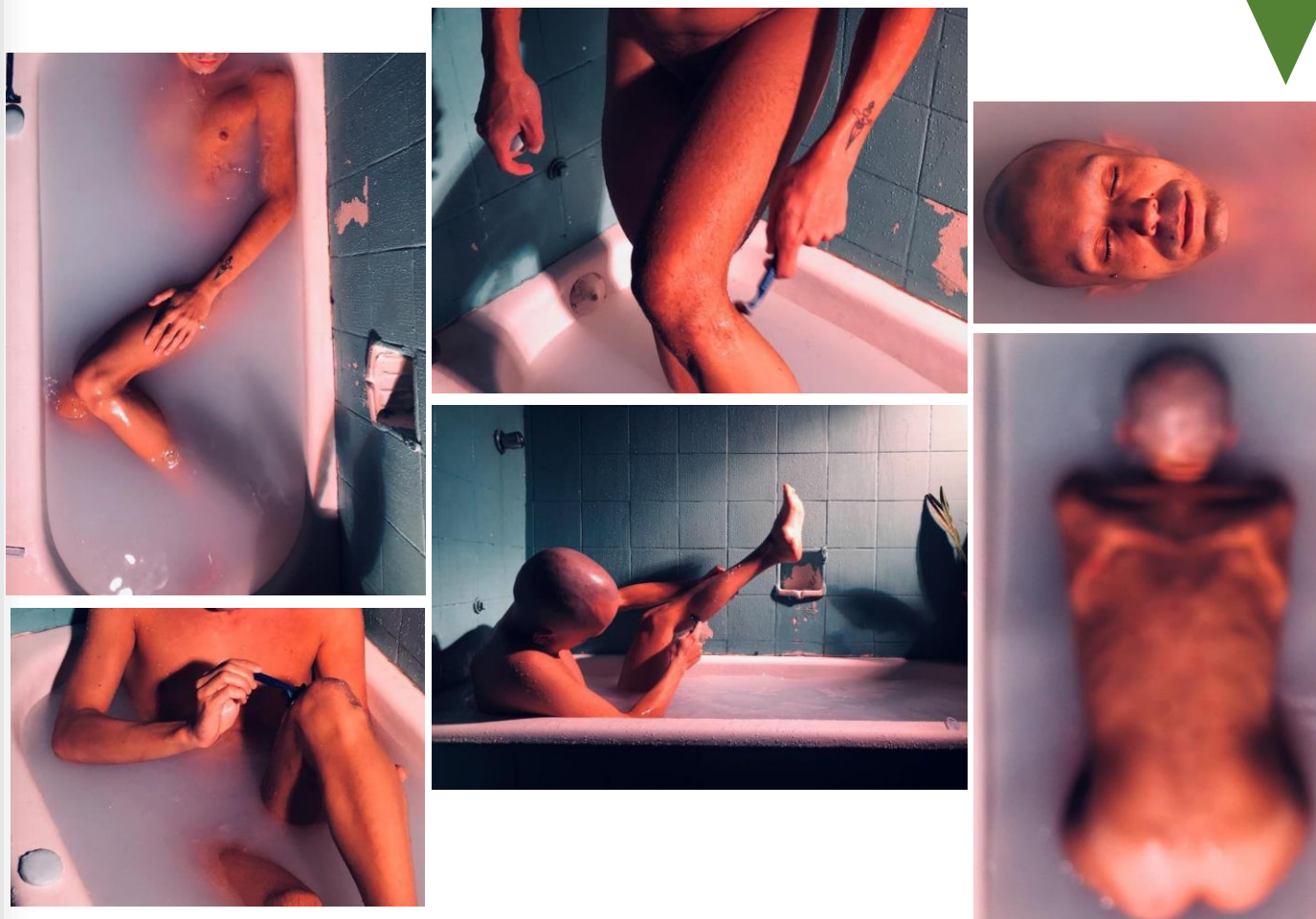
43x54 cm

Técnica mista: acrílica e assemblagem



“Era só uma tristeza” (2020)
Yago Goya
30x40 cm
Acrílica fosca e verniz sobre tela.



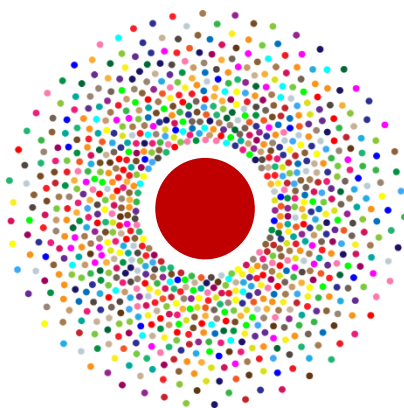


Série fotográfica **“A Última Lâmina”** (2020)

Yago Goya

29x42 cm

A série de autorretratos aborda questões de disforias, gênero, não-binariedade e a precarização na quarentena.





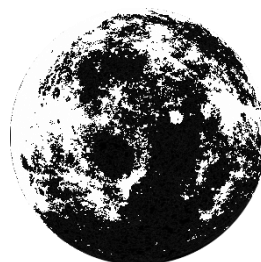
“Desenvolvo minha arte para contar o que está preso em mim, gosto de dizer que no final de tudo sou uma contadora de história que faço as narrativas virarem desenhos, quadros, fotografias, música e qualquer outra plataforma que me couber. É inevitável contar que como Bixa, pessoa trans não- binária e artista independente, me desenvolvo na precariedade e embora falte investimento, material, tempo e sanidade mental, me reinvento diariamente.

Meu trabalho além de diverso no que diz respeito a linguagem, é também múltiplo de materiais, costumo reciclar e usar “coisas” que acho no lixo, vivo no centro de São Paulo e por aqui é muito comum o descarte de materiais bons, com isso, além de economizar, desenvolvo criatividade para criar algo novo. Acredito muito no upcycling como forma contemporânea e futura de viver.

Me formei em moda, o que me deu uma boa base estética e alguns conhecimentos técnicos, mas foi na prática, na vivência de rua e no contato com outros artistas que aprendi e aprendo muito. Acredito cada vez mais na força do coletivo.

Entre fotos, vídeos, música, sprays, tintas, pincéis, cola, papel, escritas e rascunhos vou deixando minha história e obra. Que sirva para salvar a mim e a comunidade, que honre as que se foram pela violência, que fortaleça as que estão vivas e solidifique igualdade para as que virão. ”

Umabixa





Yago Goya: UMABIXA

Bixa Trans-não binária. Pronome de preferência: (a) ou neturo (e)

Multiartista e produtora cultural de São Paulo em frentes artísticas como: artes plásticas, audiovisual, escrita, fotografia e performance. Sua arte já fez parte da identidade visual de músicas, peças teatrais, exposições de rua e institucionais, flyers e grafites urbanos.

Atua também nos coletivos "Arquivo2" e "Núcleo Tranzborde", onde desenvolve projetos culturais diversos.

Instagram: @umabixa

E-mail: yagogoya.contato@gmail.com

Whatsapp: +55 (11) 98404.8965



DAMIANI PIRES

Poesia

borboletas

26/05/2016

tentei me segurar
tentei me prender
mas quem vê de fora
não consegue entender

o quanto é difícil
superar a vergonha
a inexperiência
e a falta de atitude

porque tantas marés já subiram
e com nenhuma delas
eu fui junto ao mar

e quando eu vi
aquela borboleta voar
pra perto de mim

tremi de medo
medo do que suas asas
podiam me fazer

tentei esquecer
tentei fugir
e não persistir

tentei sabotar
tentei me esconder
mas ela me achou
e pro seu casulo me levou

e é difícil pensar
quem tem medo de borboletas?

mas borboletas
carregam uma história
história que não tenho
e tenho receio
de escrever



ainda nem montei meu casulo
vivo preso aos galhos
de onde nasci

e aquela borboleta
que me puxa
traz luz
atrás de fantasia

aquela borboleta
é o que eu jamais serei

e eu tentei
e como tentei
entretanto
já disse
tentar não é comigo

quanto mais tento
mais me jogo
ao lado oposto

mais o vento me leva
pra longe de casa
e o galho
que me sustentou ao longo da vida
até o momento
não se quebrou

mas o vento
que traz essa borboleta
com as flores de primavera
esse vento
há de quebrar
e me derrubar
e me levantar
e me montar como ser

porque essa borboleta
que carrega o meu nome
me dá aquele momento
de constrangimento
e constrangimento
mas de que me adianta
não ver



ouvir
e falar
esquecer para que vim
e deixar de depois contar
essa história que há de se formar?

então logo digo
que direi a alguéns
aquela história meio escrita
que será escrita
chamada
eu e a linda borboleta
das asas verdes.

folhas de papel
05/06/2016

folhas de papel
aquele papel
do papel

folhas de papéis
que contam contos
e aumentam pontos
e nos transformam
em alienados
pensantes
errantes
falsos

e essas folhas
com contos
de histórias
conexas
complexas
incompletas

porque como dizem
quem conta um conto
aumenta um ponto
e esconde pontos
some com outros
e inverte tantos

e esses papéis
rasgados
amassados
cortados
dobrados
e guardados
nas gavetas
das mentes

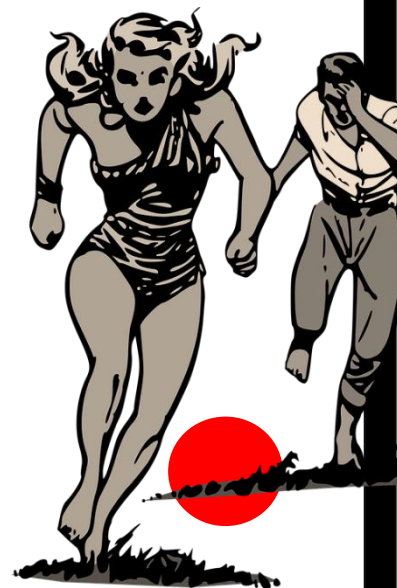
naquele setor
incontente
das memórias
antigas
e de agora

incompletas sempre
entretanto algumas vezes
com um final
marcado
forjado
mentiroso

porque
quem conta um conto

aumenta um ponto
e este conto
contado
recontado
com mil pontos a mais
e dois mil a menos
inverte a história

aquela
da donzela que foge
de seu perturbador
que ousa querer
roubar-lhe a vida pura
se transforma
numa linda mulher
que corre para seus braços
e se entrega
com lágrimas nos olhos





e essas folhas
papéis
queimados
falsificados
burlados

com acordos
mediócras
daqueles com ganho bom
estes papéis
dominam os seres

e os papéis da verdade
estes
amassados
jogados ao nature
para serem decompostos
e renascerem
como as árvores
das consequências
que ninguém sabe
as verdadeiras razões

ali escritas
ali guardadas
assinadas
com os testemunhos
dos verdadeiros criadores
se tornaram
mercenários
comerciantes
da vida

o completo oposto
daquilo pensando
pelos vilões
mascarados
de bons anciãos
condenados
a nos coordenar

folhas
quebradas
feitas de mentiras
justificam nossas vidas
enquanto as verdades
as fazem

Bernardo
28/07/2016

A página em branco
sob minha mão
e a lapiseira.

A página em branco
pedindo -
implorando -
para ser preenchida.

Com os meus desejos.
Com os meus segredos.
Com a minha vida.

Chamo-te
Bernardo,
o desamparado,
apenas para
completar uma rima,
é claro.

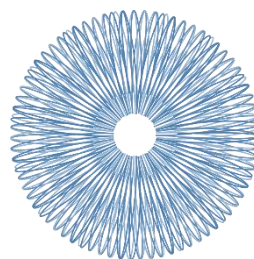
Mas Bernardo,
não tema
a demora.
Tema a verdade
como o líquido
da vida.

Bernardo, querido,
sozinho, vivido,
esperando sentado
aquilo que a vida
promete.

Já as páginas em branco
apenas de comprometem
a serem preenchidas

Com aquilo
aqui dentro,
ao relento
do meu ser.
Com sonhos
e melodias.

Com a essência
da própria vida,
que toma forma,
que ergue a vez,
que ganha
e que perde.



Tudo é poesia

13/09/2016

Tudo que vemos,
tudo o que pensamos,
tudo o que sentimos,
seja da forma que for,
pode ser poesia.

Enquanto as pessoas
se deixam levar
pelos maus sentimentos
e pelo o que os outros
se deixam magoar,
às vezes,
apenas escrever pode,
muito bem,
ajudar a melhorar.

E, às vezes,
apenas ler,
pode ajudar
a se ajudar.

Algumas vezes na vida
é importante se desligar
e se permitir respirar.

Permita-se.

Tudo é poesia.



Me pediram

28/10/2016

um dia me pediram pra escrever
mas as palavras parecem ter vida
própria
seguem sua única e bela forma
juntando-se
unindo-se
apenas para formar versos
que se tornam estrofes
uma, duas, quem sabe mais
às vezes uma apenas
e a beleza continua
cada poema com seus versos
cada poeta com sua ternura
as palavras têm vida própria
escolhem seus versos
e suas estrofes
unem-se
apenas para saborear
a maravilha que juntas se tornam
apenas para mostrar que palavras são
bem mais do que aparentam ser
como a vida a seguir rumos
as palavras fazem surgir versos

um dia me pediram para escrever
pensei, pensei e em nada cheguei
as palavras apenas escolhem
quem será o tal
que usará delas então
para se expressar da forma que for

as palavras em vida própria
escolhem seus versos
formam suas estrofes
e cada uma e cada qual
a formar algo
apenas para dar a entender
algo ainda maior
quem saiba até
expressar um amor
o esplendor do nascer do sol
ou, então, mostrar a resistência em
poesia

um dia me pediram para escrever
e eu só respondi com um sorriso tímido
de constrangimento puro
"eu não escrevo poesia,
ela se escreve sozinha"

a sereia do meu quintal

09/02/2017

daqui donde eu moro
eu posso ver a sereia
ela nada e nada
o dia todo
no próprio mundinho

uma vez eu até tentei conhecê-la
mas essa é uma sereia estranha
ela não canta
e nem encanta
ela só olha o horizonte
e às vezes me espanta

a gente tenta falar com ela
mas no começo não era assim
uma sereia tão bela dava medo
dava medo em toda a vizinhança

todo mundo corria dela
se ela cantasse
se ela nos enfeitiçasse
seria o fim
o fim pra gente

com o tempo
ah com o tempo a gente notou
a sereia tão bela era também triste
apesar de nadar e nadar
ela nunca entrou na água
nunca chegou perto

ela foge da chuva
e dos banhos de mangueira
não usa a piscina
mas ela nada
nada muito

uma vez só eu consegui
ouvir a voz dela
se ela cantasse pra matar
ah com certeza ela matava
mas ela não canta
e não encanta

se ela tentasse
sei que conseguiria
mas ela nem olha pra água
muito menos mata homem afogado

na verdade
naquela vez que eu falei com ela
eu descobri que nem de homem ela
gosta

uma beleza né
mas de mulher também não

mas ela já gostou de alguém
ela mesma me disse
mas ela cantou
sabe?
você pode imaginar o que aconteceu

uma sereia tão bela
mas ela não canta
e nem encanta

ela descobriu
ela me disse
que o amor mata
mata por dentro
e ela pensou em matar por fora

mas não é um amor bonito não
ela me disse
nem amor era
na verdade
era uma paixão
sabe?

matou mesmo
o coração dela
e ela pensou
então vou matar também

mas ela amava
a outra que não amava ela
aí ela cantou
mas se arrependeu

nunca contei pra ninguém
da sereia que mora no meu quintal

ela foge da chuva
e dos banhos de mangueira
e ela não usa a piscina
mas ela nada
nada muito
ela nada em tristeza



estrelas

10/03/2017

as estrelas tão aqui há tanto tempo
e a gente nem para pra vê
as estrelas que formam o pó
que formam você

estrelas tão belas
parecem feitas
de aquarela
de uma soldada
a mercê
do amor

as estrelas
pontinhos brilhantes
as vezes visíveis
mas não peregíveis
e de vez em quando
escondidas
por cortinas
feitas de algodão
das nuvens que são
dos ninguéns
das constelações
feitas de provéns
de quaisquer bererês

oh as estrelas
quantas não vemos
sob o olhar
tão sereno
da mãe lua
e quantas vezes
não vemos
a nossa estrela querida
a que nos promove a vida
e fazem tudo ser possível
nesse mundo perdido
feito do não merecido
e do que foi feito pra morrer

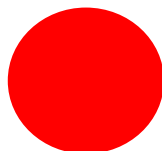
as estrelas
que formam o pó
que formam você
pedem
e só querem
se vislumbrar

e então ser
apenas estrelas
pontinhos brilhantes
tão pequenos tão grandes

tão lindos tão fortes
tão perto tão longe

as estrelas
perfeitas
feitas de tudo
origem do mundo

de mim e de você



ossos de baleia

09/06/2017

ossos de baleia no meio do deserto
dá esperança do louvor
de baleias fora d'água
sem problemas com amor

ossos de baleia no meio deserto
sem saber como chegou
sem saber como levar
de tanto fugir de tanto pescar
baleias serenas que viajaram pelo mar

agora o deserto repleto disso aí
é impossível discernir o culpado
da lei da natureza burlada
violada e estrumbada

ossos de baleia na areia
não da praia nem do fundo do mar
ossos tão incomuns num ambiente
desses que não fazem sentido

os ossos da baleia que viajou
por tantos mares e conheceu
tantos lugares que desistiu
desse lugar e foi pra outro
se desmanchar

confusão

27/06/2017

palavras sem sentido num momento
tão horrível que pode ser um segundo
de confusão. as ideias contrapostas
trazem a sensação rugosa e inebriante,
porém não efervescente, de
pensamentos misturados ao acaso.

ideias que não se completam, frases
imersas nas vontades de dizer, porém
nas incapacidades de finalizar qualquer
construção de qualquer coisa.

a confusão.

ela não me larga. não quer ir embora.
apenas palavras não consigo usar para
expressar qualquer coisa. a ironia é a
confusão ser descrita, mas também ser
a causa da minha inabilidade de
descrever qualquer coisa mais.

ou quem sabe, essa descrição seja, por
acaso, outro emaranhado de palavras
sem sentido a serem cuspidas pela
minha boca e escritas por meus dedos.
sem qualquer controle. sem qualquer
sentido.



maré

27/06/2017

a maré
ela vai
e ela vem
e ela vai
e vem

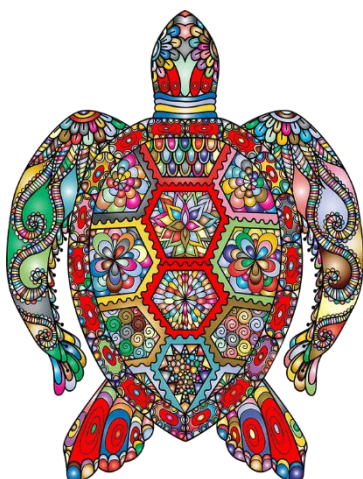
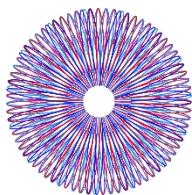
a maré
o mar
e um é
a lua
que puxa
e empurra
o mar
forma
mar
e um
é

a maré

a maré
de cá e de lá
de vai
pra cá
de vai pra alá
de vem pra ti
de vai pra mim

a maré
do mar
da lua
e do é

de nós
de marés
a maré
e mar
e é
é



sangue

27/06/2017

eu estava atravessando a rua naquela tarde ensolarada de segunda-feira. tinha certeza de que ouvi algum barulho atrás de mim, no terreno de uma casa velha. mas era dia, ainda, quando segui caminho pela calçada e julguei estar em segurança.

os barulhos aumentaram e de repente senti uma presença, não muito longe, mas não perto o suficiente para acreditar em qualquer coisa. segui caminho, atravessei a avenida, cruzei algumas ruas e cheguei em casa.

na terça-feira, a casa velha parecia renovada. a surpresa me invadiu, mas talvez eu só tivesse confundido o endereço. era mais tarde que o usual quando cheguei àquela rua, o sol dizia adeus e eu já dizia olá à lua. e eu percebi que estava certa em ter me enganado, vi, duas casas a frente, a casa velha, parecia ainda mais abandonada.

segui caminho e na quarta-feira mudei minha rota. na quinta-feira, era uma tarde chuvosa e meus planos foram por água abaixo junto da água que escorria pela rua. tive de seguir pelo caminho de terça e de segunda. a casa velha estava lá, assim como a sensação de uma presença.

mas foi na sexta-feira que notei a presença de algo tão ruim quanto o que eu parecia sentir. não apenas eu, como muitas pessoas.

escorria por baixo da porta e em direção à rua. mas eu não fiquei lá para saber de quem era. e nem voltei para saber o final na história.

caos

27/06/2017

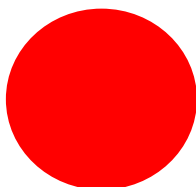
caos. pra todo lado. caos. dentro e fora.
caos. no prédio, na escola. caos.
andando de carro, pedindo esmola.
caos.

caos rodeando pessoas, criando
temores, destruindo amores. caos.
causado por dor, por medo e amor.
caos. caos. coisas acontecendo. ovos
sumindo. mortos aparecendo.

caos.

caos pra todo lado, caos na gente,
presente na vida, caos sob a realidade,
acima de tudo, criando um muro e
derrubando paredes.

caos. não tem pra onde fugir, tudo é
caos.



tempo

19/08/2017

passa passa passa
e já passou
e não volta mais
e a gente tenta
mas passa

a gente implora
mas passa
a gente sofre
mas passa

e os dias vão
e as noites vem
e a gente anda
e a gente dorme
fala e come

e a gente pergunta
responde e descobre
e a gente vive existe
e tenta

e não percebe que
passa
mas passa
e tá passando

vai passando
andando
sumindo

como nuvens num dia
ensolarado
como raios de sol numa
tempestade

e vai passando passando
e passando



e a gente tenta evitar
como tenta
e eu tento
mas não da

porque
passa e passa
e as noites vem
depois dos dias
e a gente sonha
e existe

e a gente fala com
quem não quer falar
e não percebe que
já passou

e tenta voltar
como tenta
e tenta mudar
como tenta
e tenta recuperar



então percebe
que já era
já perdeu
e não volta

porque
passou
passou muito

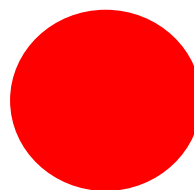
não viveu tanto
e sonhou demais

e existiu um pouco
mas não criou tanto
assim
e perguntou mil perguntas
mas respondeu duas

e fez mil e uma descobertas
mas esqueceu mil delas

e quando a gente vê
já passou
já era

quando a gente vê
lá se foi
quando a gente vê...
a gente não vê mais.



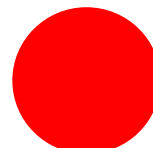
Ravi Damiami, 20 anos, se define como transmasculino. Também como assexual e bi. É estudante calouro do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da UNILA. Ravi nasceu e cresceu em Foz do Iguaçu. É escritor desde os 15 anos, momento em que começou a se entender como pessoa LGBT+. Apesar de escrever principalmente poesia, também relata histórias.

RODOLPHO CORRÊA

Poesias e fotografia

Eu sou o Rodolpho

Mas antes de começarmos
Quero que reflita sobre algumas coisas
O que é ser homem?
O que é ser mulher?
Se a sua resposta for definida pela genitália
Então, você não sabe o que é ser humano
Se ser homem é apenas ter um pênis
Se ser mulher é apenas ter uma vagina
Nós somos limitados e definidos pelos nossos corpos e não pelo nosso caráter, pela nossa alma.
Você é seu corpo ou você é muito mais que isso?
Eu sou o Rodolpho, eu sou um ser humano, único, assim como você é, eu não sou meus rótulos, sou uma pessoa, a minha genitália não me define, nem o meu corpo, nem o meu rosto...
Porque eu sei que somos ideias em forma humana.
E talvez quando você olha pra mim, você não consiga me enxergar de verdade, porque estou do avesso e estou tentando me virar pro lado certo.
Agora que você sabe quem eu sou, queria que você tentasse sentir minha dor.
Se imagine dentro de uma casa, a sua casa, você não pode mudar as paredes, não pode pintar essas paredes e você não se sente confortável na sua própria casa.
Quem olha a sua casa de fora não sabe como são as paredes por dentro.
Essa casa é o seu corpo.
Eu carrego um corpo que não é meu, que não posso chamar de meu.
Quando eu tomo banho não consigo olhar pra baixo, eu tomo banho no escuro, eu uso uma faixa que comprime meu tórax o dia todo e eu fico sem ar, uma vez eu estava andando na rua Augusta e um cara tacou uma garrafa de vidro nas minhas costas e me chamou de “viado!”
VIADO, SAPATÃO, ELA, MARIA-MACHO, ABERRAÇÃO!!!
Algumas palavras tem espinhos que grudam na gente pro resto da vida.
É uma dor profunda olhar para o espelho e não se ver inteiramente.
É uma dor profunda se tocar e não se sentir.
Eu sei que todo corpo é estranho mas tente imaginar como é ter um terceiro braço nas costas, um membro a mais no teu corpo, TENTA SENTIR ISSO!
Eu sinto isso o tempo todo.



Uma vez na escola eu levei um monte de soco no estômago do meu melhor amigo, só porque eu disse que não era uma garota.

Isso é sobre como eu me vejo, como eu me sinto e como eu sou e ninguém pode dizer quem eu sou, só eu posso dizer.

Eu não nasci no corpo errado, nasci na sociedade errada.

Um mundo que divide tudo: cores, brinquedos, roupas, profissões, personalidades, etc.

Qualquer ser humano pode gostar de qualquer coisa e isso não vai significar nada, não vai mudar nada na sua essência.

Abaixo o patriarcado! A sociedade não pode me dizer como devo me portar, como eu tenho que ser, nós somos livres para sermos o que somos.

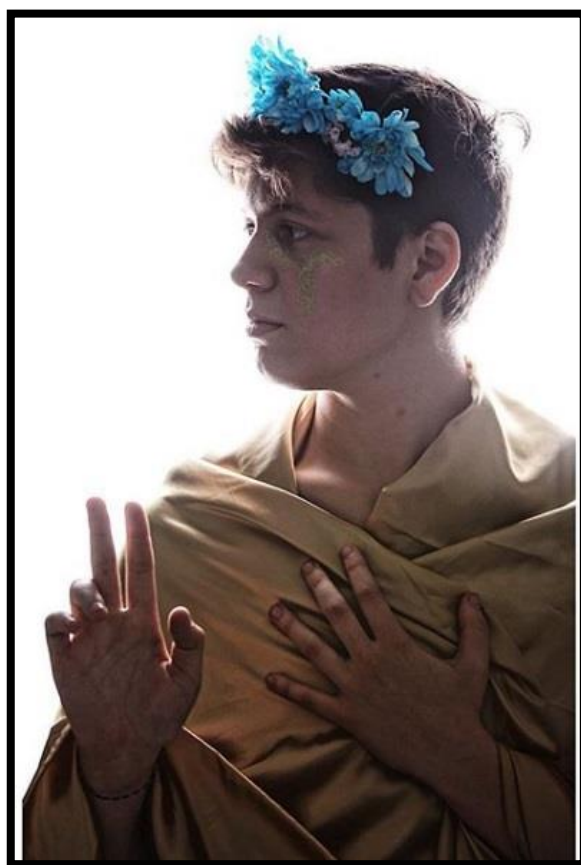
Eu não virei, eu não me tornei.

Eu sempre fui o Rodolpho.

E talvez leve anos pra ele florescer, infelizmente, vou gastar muito dinheiro, tempo e vou precisar de muita gente envolvida pra me auxiliar, vou enfrentar muita burocracia.

Mas foi um prazer conversar com você e agora você me conhece.

Texto autobiográfico escrito em 2017 para uma peça teatral



SANGUE | 01/2/2018 Poema sobre suicídio de homens trans.

Esse sangue que escorre não é só nosso
Pertence a todos os transexuais mortos
Alguns foram mortos com pedradas na cabeça
Outros com chutes e pontapés
E alguns com palavras
Palavras mal colocadas
Palavras insensíveis
Palavras que acumularam e machucaram
E me levou
Levou todos nós ao fim
Você vê duas pessoas aqui?
Não há seres humanos!
Há morte, dor, sangue
Nossa pele foi rasgada
Nossas almas foram descoladas
Nossa identidade foi apagada.



29 de janeiro - Dia da Visibilidade Trans

Hoje é dia da visibilidade mas pra mim é um dia como qualquer outro porque eu sou trans todo dia e falo disso todo dia, vou continuar falando disso sempre porque eu quero segurar essa bandeira e lutar por isso com todas as minhas forças. Depois que eu descobri que sou trans, tanta coisa aconteceu, conheci tantas pessoas que mudaram a minha vida e que me ajudaram de alguma maneira, todos são especiais pra mim de algum jeito!

Minha transição física ainda não começou, eu ainda não estou em T mas a minha transição interior já mudou muita coisa por aqui, meus pronomes, a forma como eu me vejo e até meu nome que é a minha história.

Hoje é o dia daquela pessoa que não está no seu ambiente de trabalho, na sua sala de aula da faculdade. Hoje é o dia daquela pessoa que não está no ponto de ônibus com você. Hoje é dia daqueles que não têm direito a um nome, que precisam esconder quem são pra não serem expulsos de casa.

Hoje é dia daqueles que têm infecção urinária e pedra no rim pois não têm direito a usar um banheiro. Hoje é o dia daqueles que precisam explicar em todo lugar que é trans e que aquele nome não condiz com a sua realidade.

Hoje, assim como todos os dias é um dia de luta.

29/01/2018

INTRUSOS | 03/2/2018

Não há polemica
Só estamos nos ajustando a nós mesmos
Não há mutilação
Porque é pro nosso bem

Eu só preciso tirar algo que não pertence ao meu corpo
Algo que me invade
Algo que não faz parte de mim
Algo que não tem utilidade nenhuma pra mim
Que só me faz mal
Que tira minha qualidade de vida
Que tira o meu bem estar
Que tira a minha felicidade

São intrusos
Intrusos em meu ser
Intrusos na minha vida
Intrusos em meu corpo

Eu acordo, durmo e vivo carregando algo que não é meu
E eles me deixam marcas
Na minha postura, roupas
É distante o sonho de viver sem eles

Esses intrusos afetam toda a minha vida
Estou tentando me aceitar assim e me amar assim.



AVESSO 08/4/2016

Mas o avesso é o meu lado certo
E mesmo que eu passe a vida toda
Tentando escondê-lo
De nada vai adiantar
Sim, é o lado errado
Mas é nele que me sinto bem
Preciso ser quem eu realmente sou.

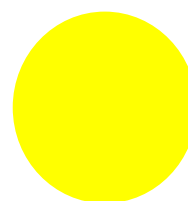
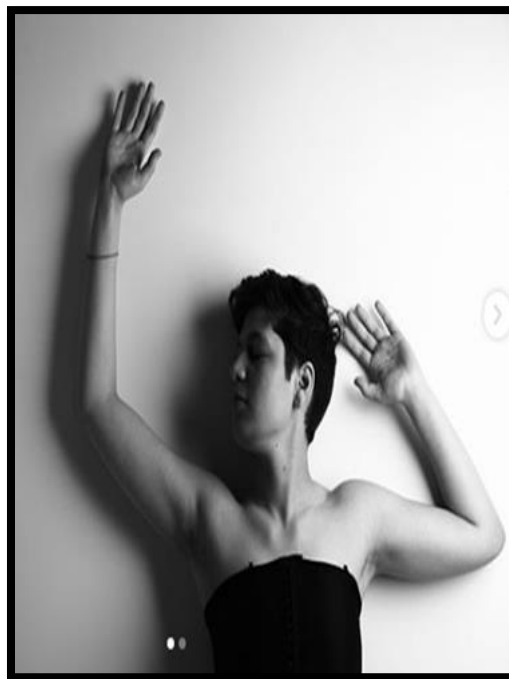


Época em que eu não sabia que era trans e me sentia errado por ideais da minha família



MISSÃO TRANSGÊNERO | 27/12/2017

De TRANS pra frente
Eu sou TRANSPARENTe
todos nós TRANSPiramos
Os olhos que me veêm e TRANSitam
Entram em TRANSe
No meio do TRANStorno
Acontece uma TRANSa
Com TRANSMissão ao vivo
Eu fico TRANStornado
Mas sou TRANSMutável
E vivo na TRANSação de ser EU e não ser outro
E nesse meio tempo a vida TRANSCorre,
E eu tentando me desvirar do avesso
Porque ele é o meu lado certo
Essa é a TRANStificação
Com TRANSPorte
A vida é mudança é TRANS-forma-ação
Ser TRANS é ir além
Sou homem com seios
Sou homem de vagina
Sou dama de paus
Sou TRAVESTI
Sou gay
Sou bi
Sou você
E eu vou TRANSParecer em seu ser
Estou em TRANSição
Pra um dia quando o sol nascer no meu peito
Vou TRANSCENDER



Sobre minha tentativa de suicídio. 23/04/2018

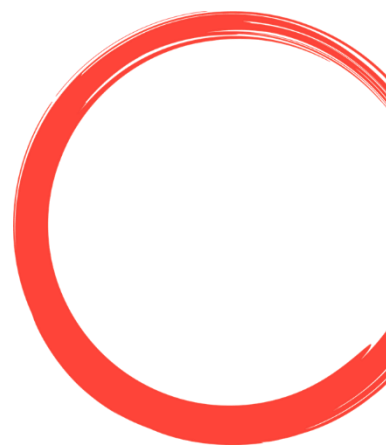
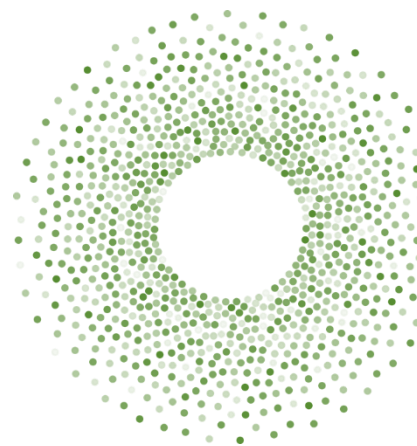
Ha muito tempo eu não sabia quem eu era
Até que quase matei a última faísca do meu ser
Doeu tanto que tive que olhar nos meus olhos
E me ver no fundo da alma
Quem sou eu?
Sou o que era ontem
Sou o que resta do amanhã
Hoje entendo que preciso me amar pra amar o outro
Que o amor é o oxigênio da minha vida
Eu te amo, Rodolpho.



Linhas, cortes, curvas, contornos, injeções, aplicações, testosterona, masculinidade, homem, volumes, minoxidil, binder, packer, forte, passabilidade, preconceito, violência, aceitação, hormônios, sintético, natural, nome social, retificação, mastectomia, genitália, disforia, desconforto, traços, barba, distribuição corporal, processo transexualizador, transexualidade, ser quem você é.



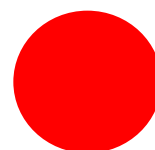
Nem todas as partes se encaixaram em mim
Não me sinto inteiro
Sou fragmentado
Líquido
Assim como os amores da minha época
Me desculpe se eu não consigo te convencer
De quem eu sou
Talvez minha performance seja ruim
Deslegítima
Homem trans é conceito político
Eu sei que não pareço convincente
Quem vai querer beijar um homem com buceta?
Um homem que tem tetas
Um homem com cara de criança
Outro dia meu “amigo” me disse que sabia que eu era diferente porque um rosto de mulher
é diferente de um rosto de homem
Certo, entendo, okay
Meu rosto é de mulher, então
Não é meu rosto?
Não existe nada de mulher e nada de homem
Existem feminilidades e masculinidades
Só que a masculinidade tende a ser frágil, quando o cara se sente ameaçado precisa pisar
no outro pra se sentir mais homem
Os olhos deles me veem como uma genitália ambulante
É só isso que eu consigo mostrar em mim?
Por que?
Por que você só vê isso em mim?
“Olha, ele tem cara de mulher
Corpo de mulher
Eu não gosto de mulher
Ninguém gosta de mulher
Pra mim, ele é uma mulher
Foda-se o nome dele
Ih, oiá lá, essa mina é uma sapatão!”
Parece que tudo se resume em ser homem e mulher e em quem consegue convencer mais
Rótulos, rótulos, rótulos
O outro acha que te conhece melhor do que você mesmo se conhece
Pessoas cis sempre vão decidir sobre pessoas trans
Sobre se elas podem ser normais ou não
Se elas podem ter uma identidade ou não
Se elas terão só deveres e não direitos



Se elas existem ou não
Se elas podem transicionar ou não
Se elas podem fazer cirurgias ou não
Se elas são bonitas ou não
Porque os políticos são cis e brancos
E os médicos também
Doente mental?
Ah NÃO, é incongruência de gênero
Porque eu esqueci que a normalidade é cis
E quer saber?
Foda-se a porra da normalidade
Por muito tempo eu me intoxiquei
Com essa normalidade
Que faz me sentir estranho e isolado
A normalidade exala dos corpos
Dos lugares
Dos banheiros
Dos ambientes
Dos papéis
Das teorias de ensino

E fui transfóbico comigo mesmo
Mas estou pouco me fodendo
Se te convenço ou não
Eu não vivo pra convencer
E esperar que o outro me aceite
Porque eu me aceito e me amo
Que o outro aceite meus pronomes e meu nome
Nada vai mudar em mim se me tratarem no feminino ou não
Se alguém falar meu nome de registro ou não
Porque eu sou um homem e nada vai mudar isso

TRANSEXUALIDADE É BIOLÓGICO
Como ser cis também é
E sempre quando me sentia mal por não estar dentro da normalidade
Eu lembrava que sou incrível
E que se o outro não me vê é porque só enxerga dentro da caixa
Eu não mereço pessoas assim
Eu não mereço quem me vê assim
Eu sou muito mais que isso tudo
Sou maior
Sou cheio de amor
Você acha que só existe uma verdade?



Você nunca se questiona sobre nada?
Porque tudo tem várias perspectivas
Eu sei que estou do lado certo
E luto todos os dias pelo que acredito
Pelo que eu tenho no coração
Isso é uma vida que existe
Mesmo que tenha pessoas que apontam o dedo na minha cara e digam que eu não existo
Que isso tudo é invenção
Ninguém está na minha pele
Ninguém sente o que eu sinto
Ninguém sabe como é ser assim
É ser
É muito mais do que só trocar as roupas
Porque não é sobre isso
Não é sobre um comportamento
Não é sobre corpos
Não é sobre roupas
Não é sobre hormônios
Não é sobre cirurgias
É sobre ser
É sobre se encontrar
É sobre se sentir bem consigo mesmo
Sobre ser verdadeiro
Sobre saber quem se é
É sobre amor próprio
É sobre respeitar seus sentimentos e se sentir válido
E o outro não tem propriedade pra falar sobre o que ele não sente e vive
Eu tenho porque estou debaixo da minha pele
Códigos, personalidade
Roupas não tem gênero
São roupas, pano
E eu sou de carne e osso
Estou cansado de pessoas que invadem o meu espaço
E tocam no meu corpo sem minha permissão
Buscando encontrar algo “estranho”
Eu sou estranho mesmo e tenho orgulho de ser
“Ah ta, Você tem seios, você é mulher”
Meu corpo não é propriedade pública
Não está à venda na praça pública
Não ando nu pelas ruas
E mesmo se estivesse ainda mereço respeito
Então respeite meu corpo e meu espaço



respeite quem eu sou
É só isso que eu quero
E eu tenho seios mesmo se você ainda se pergunta sobre
Essa foi a parte que eu já odiei muito em mim
Mas estou em processo
Olho no espelho e vejo eles todos os dias
Eles são parte de mim
São o meu corpo
E eu amo eles.
Esse é o passo pra saber que vou ficar melhor sem eles mas sabendo que algum dia eles
fizeram parte de mim
Porque ser humano é assim mesmo
Num dia você tem algo em você e no outro você muda
Mudança constante
Eu não odeio pessoas cis mas acho que elas me odeiam
Eu não sei porque sinto cada vez mais como se estivessemos separados
Como se tudo fosse dividido
Somos pessoas apesar das nossas diferenças
E temos muito em comum
Eu amo os cis
Mas me ame também porque eu preciso de amor.

24/06/2018



Enalteça aquele boy que ainda não é tão masculino assim
ou que nem quer ser, chame ele de homão da porra
fala que ele é bonito sim, mesmo sendo feminino demais nós somos válidos
não deixe ninguém te colocar pra baixo por você ser assim
enalteça aquele menino negro trans da favela, que rala e corre pra conseguir suas coisas,
que não desiste mesmo diante de tanto sofrimento
fala que ele merece o melhor, que ele é foda do jeito que é
fala que sempre estará do lado dele
enalteça aquele menino que anda sempre sozinho, inclua ele na sua vida e mostre-o que
nem tudo precisa ser difícil
Contrate um cara trans pra trabalhar na sua empresa, respeite o nome dele e não seja um
escroto com a vida dele.
Enalteça aquele cara trans da sua faculdade e seja presente nos temas LGBT, faça sua
parte se você se importa.
Enalteça seu namorado trans, respeite o corpo dele e os limites dele, faça ele se sentir
confortável com você.
Nunca dê o fora em alguém só porque ele é trans!
Enalteça a arte trans, compre, divulgue ou compartilhe o trabalho de alguém que é trans.
ENALTEÇA UM TRANS, hoje, amanhã, quando quiser.
Enalteça e não nos mate.

14/08/2018





Sabe quando você se empodera de coragem pra ser você mesmo? E não tem mais medo da sua família te machucar com isso?

Não sei, é como se sentir contra um sistema que não quer que você exista. Isso dentro e fora de casa né? Mas sejamos mais fortes do que esse pensamento que quer nos apagar com um discurso.



Eu não preciso dizer uma palavra pra quem nunca me tratou no masculino, me chama pelo deadname e me trata como uma mulher até hoje.

Só preciso existir, dizer as coisas e não me calar, demonstrar que sou um homem do jeitinho que sou.

Só preciso continuar e não parar de lutar até ter meu lugar, minha casa, minha vida.

Só preciso ter minha voz, minha barba, meu corpo do jeito que ele é, sem dizer nenhuma palavra eu vou mostrar pra eles que é isso e não adianta fingir que não existe, eu sou quem eu sou.

Família não é sobre ligação de sangue e sim sobre amor e compartilhamento de dores e conquistas. -Rodolpho Corrêa, em algum lugar no tempo e no espaço.

09/04/2018





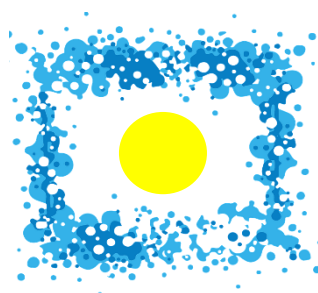
Rodolpho Corrêa se identifica como homem trans.

“Comecei minha trajetória artística no teatro, espaço onde me desperto do mundo a minha volta. E esse processo se dá na poesia. Nos versos abro os olhos da consciência e me permito ser atravessado por epifanias poéticas. No início discorri mais sobre amores, decepções e arte.

Agora, no diálogo entre minhas construções artísticas e meus processos de autorreconhecimento, que minhas artes vão se contaminando e gerando material poético. Todo esse caminho me ajuda a me entender e me colocar no mundo, de modo que vou me tornando cada vez mais engajado nas minhas questões e minhas expressões da realidade.

Hoje me encontro estudando teatro na Faculdade Paulista de Artes, pois desejo ser um futuro Arte Educador, um ator transgressor e futuro professor de teatro homem trans. Sei que no momento tudo isso é extremamente político. Minha pesquisa dentro da Faculdade está centrada em torno dessas mesmas questões: o como a arte me ajudou a me descobrir como pessoa trans. Neste momento me encontro tentando escrever um projeto sobre o corpo trans e a performance. Está sendo difícil, mas estou trabalhando nele.

Rodolpho, junho de 2020”





KULTRUN

BOLETIM DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS E ARTES – CILA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
VOL. 2, Nº 3, JUNHO DE 2020



Agradecemos la lectura y hacemos la invitación para participar de Kultrun enviándonos sus colaboraciones al e-mail boletimkultrun@gmail.com



www.boletimkultrun.com

© Kultrun 2020 | Edição de junho